

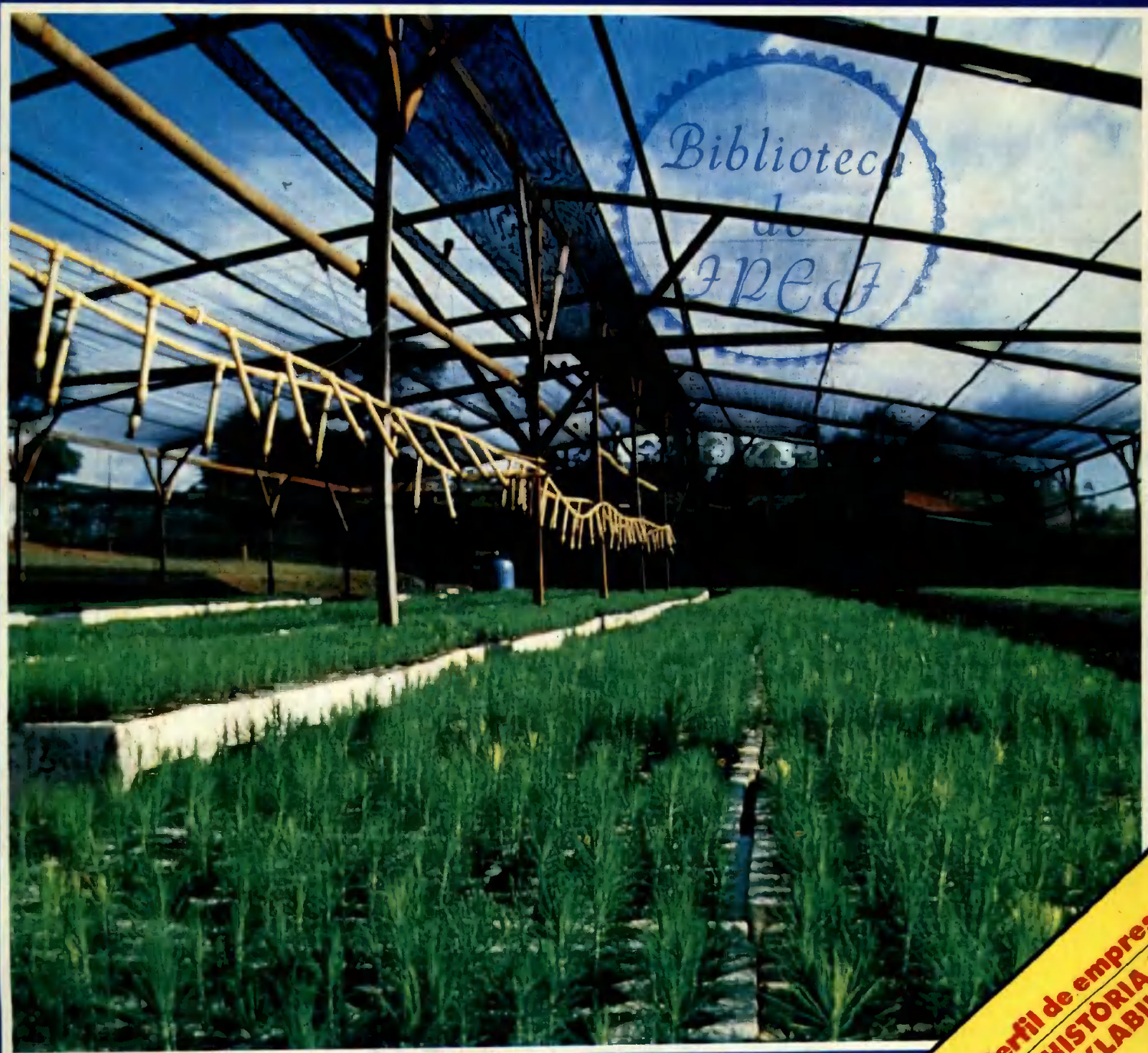
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS: OTIMISMO

CELULOSE & PAPEL

ANO II - SETEMBRO/OUTUBRO 1986 - Nº 6

2(6)

GOVERNO QUER SETOR CRESCENDO E GARANTE OS INVESTIMENTOS



Perfil de empresa
A HISTÓRIA DA
KLABIN

Recursos humanos, experiência e tecnologia, os princípios da Tecnomont



A equipe de engenheiros, técnicos, encarregados e especialistas da Tecnomont se constitui no maior patrimônio da empresa. Alguns destes profissionais, largamente conhecidos no mercado, estão na Tecnomont desde a sua fundação em 1960.

A empresa dispõe de inúmeras facilidades industriais, como excelente infra-estrutura, e está perfeitamente identificada com as novas tecnologias, utilizadas amplamente no setor administrativo e operacional. Sob a supervisão de engenheiros experimentados e com o auxílio de computadores, a Tecnomont controla, a partir da sua sede, cerca de 3 mil funcionários, distribuídos entre a matriz, suas filiais e inúmeros canteiros de obras espalhados por todo o País.

A sede da Tecnomont, com área total construída de 5.000m².



TECNOMONT
PROJETOS E MONTAGENS INDUSTRIAIS S.A.

Est. Turística do Jaraguá, 49 Cep 05161 São Paulo Tel. (011) 834 1144 Tlx. (011) 23678 TEPM
Via 1, s/n.º Área Leste COPEC Camaçari Bahia Tels. (071) 832 1299 832 1918

A IMPORTÂNCIA DO ABASTECIMENTO REGULAR



PUBLIC.: P-001787

CELULOSE & PAPEL 2(6) SET./OUT. 1986



Corolário natural do Plano Cruzado, a economia brasileira cumpre sua fase de ajustamentos com os termômetros registrando uma demanda fortemente aquecida em diversos setores nos mercados interno e externo.

O setor industrial de celulose e papel não é exceção à regra mas tem algumas características tradicionais próprias: ele continua dando atendimento regular às necessidades do mercado nacional. E essa prioridade conceitual e prática ocorre não obstante a situação de preços mais favoráveis no mercado externo, contrastando com os preços congelados a níveis artificialmente baixos no mercado interno.

Uma realidade que reflete a validade do esforço da categoria empresarial tendo em vista que a maioria das empresas do setor vem operando no limite máximo de suas capacidades, praticando um rigoroso "mix" de vendas internas e externas que possibilita não prejudicar os variados segmentos da economia nacional que dependem, direta ou indiretamente, dos produtos celulósico-papeleiros. E, sobrepondo-se aos ajustes e à excitação da demanda, registramos, ainda, no período, o forte consumo sazonal decorrente do período eleitoral.

O comportamento do setor já tem tradição mas, neste momento de ajustes ainda mais delicados por coincidir com o crescimento da economia revigorada pelo Programa de Estabilização, ele evidencia o enfático apoio setorial aos objetivos perseguidos pelo Governo com o amplo respaldo da opinião pública.

Vale ressaltar o importante aspecto de que os empresários, no curto prazo — apesar do sacrifício de margens resultante dessa política — entenderam que o sucesso do Plano Cruzado é condicionante fundamental e imutável para o desenvolvimento nacional em geral e, em particular, a longo prazo, do setor de celulose e papel.

H. Horácio Cherkassky
Presidente da ANFPC



PELA PRIMEIRA VEZ NA TELEVISÃO: O PAPEL.

A Cia. Suzano sempre se destacou pelo seu pioneirismo na área industrial. Seja como a primeira empresa no mundo a fabricar papel 100% celulose de eucalipto, seja desenvolvendo a biotecnologia aplicada à atividade agroflorestal, ou trazendo para o Brasil as mais avançadas máquinas da indústria papeleira internacional.

Desta vez a Cia. Suzano inovou também na área do marketing. Inaugurou um sistema de distribuição descentralizada, montou um eficiente serviço de orientação e assistência ao consumidor e colocou no ar, pela primeira vez no Brasil, uma completa campanha de publicidade.

Nunca uma companhia fabricante de papel havia ido até a televisão para falar da importância do papel na vida de um escritório e, principalmente, da importância dos pequenos personagens que fazem o sucesso dos grandes. A Cia. Suzano levou o seu papel Report para a televisão. E o reconhecimento do público foi traduzido em números que mostram como o Brasil estava pronto para receber sua mensagem.



Cia. Suzano de Papel e Celulose
Empresa Nacional de Capital Aberto.

CELULOSE & PAPEL

SÃO PAULO - ANO II - SETEMBRO/OUTUBRO 1986 - N.º 6

A revista **Celulose & Papel** é o órgão oficial da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose - Rua Afonso de Freitas, 499 - CEP 04006 - São Paulo - SP - Fone 544-1845.

Diretor Responsável

H. Horácio Cherkassky

Conselho Editorial

Alberto Fabiano Pires

Aldo Sani

Benjamin Solitrenick

Boris Tabacof

Jamil Aun

Marcello L. Pilar

Osmar Zogbi

Ronaldo A. Guedes Pereira

Ruy Haidar

Lenomir Trombini

Conselho Consultivo

GT-2 - Divulgação

Coordenadora Geral

Sandra Maria Pegorelli



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada bimestralmente pela Unipress Editorial.



UNIPRESS EDITORIAL

Diretores

Alaôr José Gomes.

Múcio Borges da Fonseca

Reginaldo Finotti

Editor

Antônio Albino Pinheiro Marinho

Redação

Denilson Vasconcelos, Celso Lungaretti (Editores-adjuntos) e Heliana Alvares

Colaboradores: Lázaro Ivair de Souza, Ricardo Schmitt (Texto); Israel Teixeira, Jaécio Santana, J. Carlos, A. IstoÉ (Fotos); Sílvio Sugita (Diagramação); Guilherme Köhnen (Produção gráfica); Mauro Capovilla (Arte-final); Beatriz Burger (Revisão); Barbist (Ilustração).

Publicidade: Antônio Carlos Pinto de Azevedo.

Redação e administração: Av. Paulista, 2.006 - 11º andar - Conj. 1.103 a 1.109 - Fones (011) 285-6233/285-4104/289-1803/289-0841 - Telex 1132183 - CEP 01310-São Paulo-SP.

Composição: Linoart e Bandeirante S.A. Gráfica e Editora.

Fotolitos e Impressão: Bandeirante S.A. Gráfica e Editora e Unikrom Fotolitos.

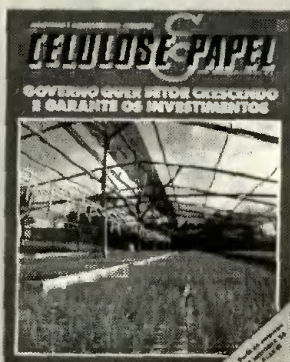
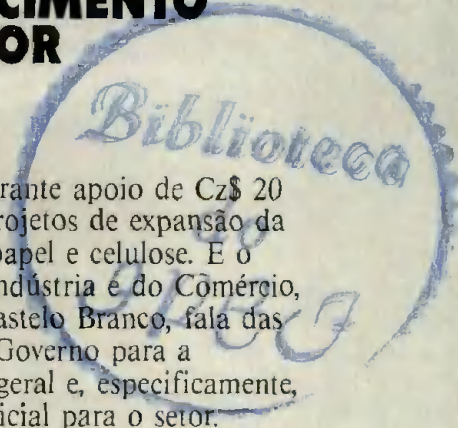


Foto da Capa: Viveiro de pesquisa biogenética em reflorestamento: uma atividade fundamental para a melhoria da qualidade e produtividade da madeira.

GOVERNO APÓIA O CRESCIMENTO DO SETOR

19



O BNDES garante apoio de Cz\$ 20 bilhões aos projetos de expansão da indústria de papel e celulose. É o ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, fala das diretrizes do Governo para a indústria em geral e, especificamente, da política oficial para o setor.

KLABIN: UMA RICA HISTÓRIA

12

Mais de 18 mil empregados; vendas de 984 mil t de papel e celulose em 1985; e uma taxa anualizada de crescimento de 16,8% nos últimos dez anos: este é o conglomerado IKPC, cuja história de pioneirismo teve início em 1899.

CADERNEIROS: RUMO AO SUCESSO

24

Sofisticado, criativo, o segmento caderneiro do Brasil conquista os EUA. Internamente, o consumo tende a crescer entre 5% e 10%, com o estímulo da política educacional do Governo.

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS: OTIMISMO

36

Os investimentos do setor celulósico-papeleiro animam os fornecedores de máquinas e equipamentos. Dispostos a ampliar a produção, se depender deles, as indústrias de celulose e papel podem tocar seus projetos.

E MAIS:

EDITORIAL - A importância do abastecimento regular.....3
 SUMMARY6
 NOTICIÁRIO7
 OPINIÃO I - Normalização28
 OPINIÃO II - Recursos Humanos 30

EVENTOS - A reunião da Cicepla, congressos e feiras32
 GENTE - O perfil de John Warren e outras notícias40
 GTs — O lançamento do Anuário Estatístico e as atividades dos GTs.....44
 OPINIÃO III - Documentação na Indústria de Celulose e Papel50



Cover: This photograph shows the location of an advanced biogenetic research facility, which is seeking increased productivity and improved wood quality.

GOVERNMENT SUPPORTS INDUSTRY GROWTH

Growth of the pulp and paper industry, with investments of US\$ 3 billion, was the subject of a meeting between industry leaders and top BNDES (Brazil's National Development Bank) officials. BNDES president, André Franco Montoro Filho, guaranteed financing up to US\$ 1.5 billion for industrial projects. In an exclusive interview to "Celulose & Papel" magazine, Industry and Commerce Minister, José Hugo Castelo Branco, speaks of the government's new industrial policy. Investments over the next four years will permit Brazil to maintain its position as a large exporter, without interrupting the supply to the expanding domestic market.

EQUIPMENT SUPPLIERS ALSO INVEST

The boom in demand for consumers goods has led pulp and paper companies to invest in expanding their production. This optimism has spread to equipment suppliers, who are also prepared to meet the demand for their products. These companies declare that they can be depended upon, if necessary, to double the country's pulp and paper capacity.

BRAZILIAN NOTEBOOKS REACH THE AMERICAN MARKET

Brazil's notebook producers can now compete on equal terms with American producers and have attained a significant share of this market. On the domestic front, the government's new educational policy should result in annual market growth of 5 to 10 percent.

KLABIN: A COMPANY OF INTERNATIONAL PROPORTIONS

The IKPC Group (Indústrias Klabin de Papel e Celulose) is composed of 10 companies and is responsible for 55 percent of Brazil's packaging paper exports. This group has 18,000 employees and last year's sales totaled 984,000 tons of pulp and paper. Founded at the beginning of the century, IKPC has shown a 16.8 percent growth rate over the last ten years.

BIENAL: VITÓRIA DA INDÚSTRIA EDITORIAL.

Sucesso absoluto de vendagem a público, a IX Bienal Internacional do Livro, promovida de 21 a 31 de agosto, no Ibirapuera, veio apenas refletir uma realidade de mercado: a indústria editorial brasileira é hoje um dos setores mais rentáveis e mais dinâmicos da economia.

Durante os dez dias de sua realização, a frequência de público atingiu a marca de quase um milhão de visitantes, que compraram 600 mil exemplares e deixaram nas caixas registradoras desta gigantesca livraria, nada menos que Cz\$ 30 milhões.

Os resultados surpreendentes desta que foi a mais bem-sucedida Bienal do Livro, desde sua criação, em 1970, se esboçaram a partir do *boom* editorial brasileiro, deflagrado há dois anos. Segundo dados fornecidos pela Câmara Brasileira do Livro, o setor acompanhou a crise econômica até esta data, num ritmo anual de 4% a 5%. Porém, em 1985 o ritmo de crescimento deu um inesperado salto quantitativo, chegando aos 15%, com a produção de 280 milhões de livros.

Este ano traz perspectivas mais do que otimistas. Segundo estimativas do presidente da Câmara Brasileira do Livro, Alfredo Weiszflog, o setor prevê um crescimento da ordem de 20% ou mais, até o final do ano, e a produção de 360 milhões de exemplares de livros.

Maior beneficiária direta do crescimento do mercado editorial, a indústria de papel brasileira tem motivos mais do que suficientes para



Weiszflog: crescimento de 20% até o fim do ano.

se regozijar com as estimativas do setor. Com uma produção anual de 500 mil toneladas de papel para impressão, dos quais 20%, ou 100 mil toneladas, são consumidos pelo mercado editorial, os prognósticos para os produtores de papel também apresentam-se positivos.

Segundo dados da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, cada 10% de crescimento projetado para a indústria de livros representa um consumo de mais dez mil toneladas de papel *offset* e apergaminhado, e um faturamento adicional de Cz\$ 85 milhões além de investimentos da ordem de US\$38 milhões.

Em 1986, portanto, quando o setor editorial espera um crescimento na base de 20% ou mais, aguarda-se um faturamento extra de Cz\$ 170 milhões e um acréscimo de 20 mil toneladas na produção de papel destinado à impressão.

Este ano, o setor espera atingir um faturamento de Cz\$ 13 bilhões. Cifras modestas, se comparadas com países, a exemplo dos Estados Unidos, onde anualmente são produzidos 2 bilhões de exemplares, com faturamento de US\$11 bilhões para o setor. Na Inglaterra o faturamento é de US\$3 bilhões, com uma produção de meio bilhão de exemplares por ano.

LANÇADO O MANUAL DE CONSERVAÇÃO DE ENERGIA

O primeiro fascículo — de uma série de três — do Manual de Conservação de Energia Elétrica na Indústria Brasileira de Papel e Celulose foi lançado oficialmente no dia 10 de setembro, em cerimônia realizada no auditório Cesp. O manual, que trata do Gerenciamento da Conta de Energia Elétrica em sua primeira parte, foi elaborado pelos técnicos da AAE — Agência para Aplicação de Energia (Cesp/CPFL/Eletropaulo/Comgás), a pedido da ANFPC e APFPC — respectivamente Associação Nacional e Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose — e permitirá aos fabricantes desenvolver estudos sobre a redução dos custos de produção. O livreto, editado pela Unipress Editorial, está sendo distribuído a todos os membros e colaboradores



Solitrenick, Marcovitch e Zatz apresentam o manual

das duas associações do setor.

O lançamento da primeira parte do manual contou com a presença do presidente das Empresas Energéticas Paulistas, professor Jacques Marcovitch, do vice-presidente de Energia da ANFPC, Benjamin Solitrenick, e do gerente-geral da AAE, José Zatz.

O livreto é um importante guia de orientação, acessível

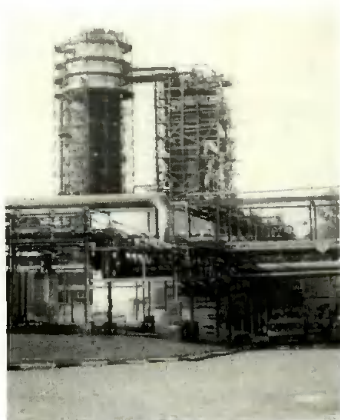
ao pessoal não necessariamente técnico. Em suas 25 páginas traz valiosas informações, a maior parte de aplicação imediata. Entre outras questões trata da administração do fator de carga; melhoria do fator de potência; ligação de transformadores em paralelo; redução do empréstimo compulsório; tarifas especiais de energia elétrica com ênfase para a tarifa horo-sazonal.

PROGRAMA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA RIPASA

Com o início de operação do Sistema Lockman, no final de setembro, a Ripasa concretizou mais uma etapa de seu Programa de Proteção Ambiental. Para Osmar Zogbi, superintendente do Conglomerado Ripasa, a instalação do equipamento “é um motivo de orgulho, pois, somos a primeira empresa brasileira, fabricante de celulose e papel, a instalar um sistema tão completo e moderno para o controle de efluentes líquidos e emissões gasosas, provenientes do processo de fabricação da celulose”.

Osmar Zogbi destaca ainda que a medida é a materialização da filosofia do trabalho que vem sendo desenvolvido pela Ripasa, segundo a qual, não só é possível, como necessário, compatibilizar a produtividade com medidas voltadas para a preservação ambiental.

Parte de um programa que prevê investimentos em torno de US\$ 23 milhões, o Sistema Lockman que custou à Ripasa US\$ 3,5 milhões, “é a solução moderna que vem



Instalação do Sistema Lockman.

sendo consagrada no mundo todo como a mais eficaz entre as técnicas de controle da poluição do ar em fábricas de celulose” — explica o engenheiro sanitário João Baptista Galvão Filho, responsável pela Assessoria de Meio Ambiente do Conglomerado Ripasa.

Coordenado pela Assessoria de Meio Ambiente, o Programa de Proteção Ambiental abrange também as cinco unidades fabricantes de papéis e cartões do Conglomerado Ripasa.

FÁBRICA DA SUZANO E CVRD EM MUCURI

A Companhia Suzano de Papel e Celulose formalizará, até o final de setembro de uma *joint-venture* com a CVRD — Companhia Vale do Rio Doce para a criação de uma fábrica no sul da Bahia, com capacidade de produção diária de mil toneladas de celulose, o que corresponde a 10% da atual capacidade instalada de produção dessa matéria-prima no País.

O início de operação da unidade está previsto para fins de 1989 e o projeto exigirá investimentos da ordem de US\$ 500 milhões. O controle acionário da fábrica será exercido pela Suzano (55%) e os 45% restantes ficarão com a CVRD que participará com a base florestal de 50 mil hectares de eucalipto, de que dispõe na região do Mucuri.

CENIBRA: EMPRESA FLORESTAL DO ANO.

A SMEF - Sociedade Mineira de Engenheiros Florestais concedeu à Cenibra—Celulose Nipo-Brasileira S.A. o título de *Empresa Florestal do Ano*. Três fatores determinaram a escolha, como informou o presidente da entidade, Ênio Marcos Brandão Fonsêca.

Em primeiro lugar, pelo grande volume de reflorestamento; pela tecnologia de ponta; e pelo seu avançado departamento de pesquisas que, desde a sua criação, há dois anos, já desenvolveu mais de uma

centena de projetos de pesquisas no campo florestal, um legado ao desenvolvimento do setor”.

O segundo fator apontado foi a seriedade com que a empresa encara o trabalho do profissional de engenharia florestal. Finalmente, foi destacada a “visão de futuro da Cenibra”, que incorpora a seu processo produtivo e econômico os pequenos produtores rurais, através de convênios firmados com o Instituto de Engenharia Florestal de Minas Gerais.

QUALIDADE RENDE PRÊMIO À TROMBINI

O Grupo Trombini conquistou o prêmio “Confiabilidade de Ouro”, conferido pela Johnson & Johnson S.A. às empresas “em homenagem pelos cinco anos consecutivos de empe-

nho e dedicação à causa da qualidade, entre os anos de 1982 a 1986”. A Trombini ganhou a placa de ouro pela qualidade das embalagens de papelão ondulado que produz.

CONTAINER DA CARIOCA REVOLUCIONA TRANSPORTE

Facilitar o transporte, reduzir o tempo de manuseio e racionalizar o armazenamento: unificar essas três qualidades para agilizar e tornar mais prática a comercialização de breu saponificado e resina poliamida, foi o objetivo da Carioca Containers Ltda. — representante no Brasil da Sea Containers — e Hércules do Brasil Produtos Químicos Ltda. ao apresentarem o *tank container*.

As vantagens da utilização do equipamento são apresentadas em suas especifica-

ções, “já que o *container tank* é revestido com aço inox e possui sistema de aquecimento a vapor e isolamento térmico” — explica Marcelo Aranha, gerente de *marketing* da Carioca Containers. Segundo ele, no processo de utilização do breu saponificado na indústria de papel, o produto necessita de preaquecimento a 80°C para atingir sua forma líquida e o *tank container* permite que o produto esteja sob aquecimento constante, sem falar na facilidade de armazenagem e distribuição.

Aranha ressalta ainda a racionalização do espaço físico nas unidades produtoras, que contribuirá de forma decisiva na movimentação destes produtos. A capacidade dos *tank containers* varia de 20 mil a 24 mil litros, o que faz com que a economia do custo dos tambores seja evidenciada.

Para a comercialização deste serviço, a Carioca Containers montou uma Divisão de Assistência Técnica, atra-

vés da Hércules do Brasil, Produtos Químicos Ltda. — subsidiária da Sea Containers —, para atendimento ao setor celulósico-papeleiro, que cuidará de toda a orientação técnica e operacional aos clientes, na área de consumo industrial, de armazenagem e transporte. Marcelo Aranha assinala que a Mathersa Indústrias Químicas já está ultimando a operacionalização deste equipamento em algumas indústrias de papel.

EQUIPAMENTOS KABI PARA A MANVILLE



Caminhão multicaçambas na Manville.

A Kabi — Indústria e Comércio S.A. (Nova Kabi), entregou à Manville Produtos Florestais, de Lages (SC) dois poliguindastes Kabi multicaçambas, com capacidade de 13t. Os guindastes operarão as 38 caçambas es-

tacionárias da mesma marca para a coleta de resíduos de cal queimada, do lodo da estação de tratamento de água, do lixo industrial e dos refeitórios, bem como de retalhos de madeira, sucata de ferro e outros materiais.

FILIAL MANAUS DA KSR EM CASA NOVA

Com o objetivo de conferir um melhor padrão de atendimento aos clientes do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, a KSR Comércio e Indústria de Papel S.A. inaugurou no dia 19 de setembro a nova sede de sua filial em Ma-

naus.

Localizada à rua Borda, 790, bairro de Cachoeirinha, a nova filial ocupa uma área de 1.300 m², sendo mil metros de depósito, aumentando cerca de três vezes a capacidade de estocagem local.

TECNOMONT RETOMA INVESTIMENTOS

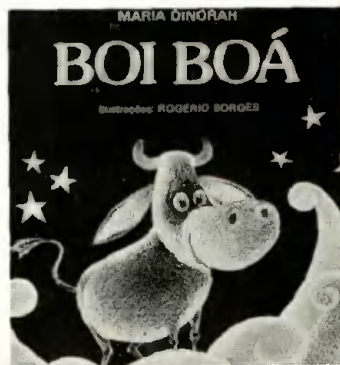
A Tecnomont Projetos e Montagens Industriais anuncia para o final do ano a inauguração de sua filial operacional da Bahia, junto ao Polo Petroquímico de Camaçari, com investimentos da ordem de Cz\$ 5 milhões. Empresa cem por cento nacional, a Tecnomont é especializada na montagem de fábricas de papel e celulose, de indústrias químicas, petroquímicas e alimentícias.

O presidente da empresa, Otello Gazzoni, afirma que a Tecnomont “pretende voltar a ocupar seu espaço no mercado”. Antes da concordata — prossegue — éramos a sétima maior do *ranking* setorial. Atualmente, ocupamos a décima sétima posição, mas estamos em processo de franco desenvolvimento”. Gazzoni informa ainda que o faturamento deste ano está estimado em Cz\$ 300

milhões, contra apenas Cz\$ 60,7 milhões registrados em 1985. O capital social da empresa é de Cz\$ 44 milhões, dos quais cerca de 20% estão em mãos de seus funcionários mais antigos, enquanto o patrimônio líquido atinge a Cz\$ 72 milhões. Dos três mil empregados, cerca de 50 são engenheiros.

Obrigada a recorrer aos benefícios legais da concordata em 1983, por força dos enormes atrasos de pagamentos por parte de algumas empresas estatais — na época os créditos junto a essas empresas chegaram a atingir o equivalente a Cz\$ 100 milhões, ou seja, duas vezes o valor de seu capital de então —, a Tecnomont acaba de ver aceite o seu pedido de desistência da concordata, apresentado no segundo semestre do ano passado.

OS 96 ANOS DA MELHORAMENTOS



Livros infantis o forte da editora.

As centenas de milhares de pessoas que visitaram a IX Bienal Internacional do

Livro, em São Paulo e que passaram pelo estande da Companhia Melhoramentos de São Paulo viram uma das faces do trabalho da empresa — sua linha editorial voltada essencialmente para o público infanto-juvenil, mas sem descuidar dos adultos. A produção de livros, porém, é apenas uma das atividades dessa empresa, fundada há 96 anos para a fabricação de papel, hoje um complexo industrial que atua nas áreas de reflorestamento, serraria, pasta de madeira, artefatos de papel, gráfica e editora.

IKPC CONTRATA AÇIONAMENTO ELÉTRICO PARA MÁQUINA N.º 4

A Indústria Klabin de Papel e Celulose S.A. assinou contrato com a Siemens para fornecimento do sistema de acionamento elétrico da linha *coating* para a máquina de papel n.º 4. A entrega da encomenda — no valor de Cz\$ 15 milhões — está prevista para outubro deste ano e o equipamento deverá entrar em operação em dezembro. Antes, a Siemens concluiu a montagem e colocação em funcionamento do acionamento elétrico para a rebobinadeira da máquina de papel n.º 6, cuja encomenda foi contratada em fins do ano passado, no valor de Cz\$ 5 milhões.

COQUETEL MARCOU LANÇAMENTO DA NOVA FASE DE CELULOSE & PAPEL

Autoridades, líderes empresariais, editores, jornalistas e publicitários — mais de 150 pessoas — lotaram o Salão Promocional da Fiesp, dia 11 de agosto último, prestigiando o coquetel de relançamento da revista **Celulose & Papel**, que entra em nova fase, sob a orientação do GT-2, atualmente coordenado por Sandra Pegorelli. O coquetel, oferecido

pela ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, contou com a presença, entre outros, do então presidente eleito da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Mário Amato, que representou, na ocasião, o presidente da entidade, Luiz Eulálio de Bueno Vidigal.

Cherkassky, presidente da ANFPC, em discurso, salientou a importância das modificações pelas quais está passando a revista **Celulose & Papel**, agora editada pela Unipress, e que visam a fazer da publicação o grande elo de comunicação entre o setor celulósico-papeleiro e autoridades, fornecedores, indústrias afins e público em geral.

O empresário Horácio



1



2



3



4



5



6



7



8



9

Nas fotos acima, flagrantes do coquetel, vendo-se: 1. Rubens Cunha e Richard Krame; 2. Mário Amato, Jamil Aun, Alex Periscinoto e Domingo Alzugaray; 3. Cherkassky e Periscinoto; 4. Sílvio Rachid e Paulo Bastos Cruz;

5. Jamil Aun e Sílvio Rachid; 6. Sandra Pegorelli; 7. Gilberto Chaves; 8. Mário Amato cumprimentando Cherkassky após o discurso; 9. Dante Ramenzoni, Milton Mazzini e Cláudio de Campos.

CUBA IMPORTA 3,6 TONELADAS DE PAPEL BRASILEIRO

A indústria de papel saiu na frente, rumo ao mercado cubano. O primeiro grande contrato de exportação entre o Brasil e Cuba, depois do reatamento, é de papel. A *trading* paulista Cominter — Comércio Internacional Ltda., é a responsável pelo pioneirismo. Nem bem a tinta do acordo de reatamento havia secado no papel e, ainda em julho, já estava acertado o embarque de 3,6 mil toneladas de papel *kraft* para a confecção de caixas de papelão, no valor de US\$ 1,8 milhão.

KAMYR

ONDE O PROGRESSO

É CONTÍNUO.

Desde 1922, o nome da KAMYR é conhecido por sua arrojada inovação e prestação de serviços extraordinária, na criação da tecnologia atual para a fabricação de celulose.

A KAMYR continua na vanguarda, projetando soluções inovadoras para o presente e lançando base para as inovações de amanhã.



CURITIBA - PARANÁ

Onde o progresso é contínuo

1922 A 1ª Máquina Desaguadora para celulose, do mundo

1934 O 1º Estágio de Cloração Gasosa Contínua, do mundo

1936 A 1ª Unidade de Branqueamento Contínuo, de múltiplo estágio, do mundo

1946 O 1º Estágio de Dióxido de Cloro contínuo, do mundo

1949 O 1º Digestor Contínuo, do mundo

1965 O 1º Difusor Lavador Contínuo, do mundo

1970 O 1º Reator de Oxigênio de Alta Consistência, do mundo

1973 O 1º Reator de Oxigênio MC, do mundo

1974 A 1ª Unidade de Branqueamento por Deslocamento, do mundo

1975 O 1º Estágio de Cloração MC, do mundo

1980 A 1ª Bomba MC do mundo
O 1º Difusor Pressurizado, do mundo

1985 O 1º Sistema de Cozimento, de múltiplo estágio para Delignificação prolongada, do mundo

IKPC: UMA HISTÓRIA DE PIONEIRISMO E DEDICAÇÃO

Desde as primeiras ações de seus fundadores, uma marca da empresa: visão do futuro e espírito empreendedor. Foi isto que formou esse grupo hoje tão sólido, de porte internacional, vivendo sempre em busca da evolução.

A história de IKPC - Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A. tem início na virada do século, mais precisamente em 1899, ano em que a família Klabin-Lafer começa suas atividades no setor de papel, fundando a empresa Klabin Irmãos & Cia., em São Paulo.

Dedicando-se inicialmente à importação de material de escritório e ao setor de tipografia, opera a sua primeira máquina de papel em Salto de Itu, em 1906, e passa a fabricar papéis para diversos usos. Em 1909, a Klabin cria mais uma empresa, a Companhia Fabricadora de Papel, hoje

O começo se deu na virada do século. Era uma empresa de importação de material de escritório. Seis anos depois, a primeira máquina de papel.

Em Monte Alegre (PR), a maior fábrica integrada de celulose e papéis do País.



denominada Klabin Fabricadora de Papéis S.A., dando início a uma bem sucedida expansão industrial.

Na década de 30, quando se inicia a fase de industrialização do País, a Klabin já é uma sólida empresa. Objetivando reduzir a dependência da celulose importada, a Klabin inicia pesquisas, visando produzir esta matéria-prima a partir da madeira de Araucária, abundante nos Estados do Sul.

Em 1934, Klabin Irmãos & Cia. adquire a Fazenda Monte Alegre, no interior do Paraná, às margens do rio Tibagi. Uma extensa área de 144 mil hectares. Em 20 de outubro do mesmo ano, faz nascer, em São Paulo, a empresa, hoje denominada IKPC - Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A. Começam então os trabalhos de infra-estrutura e instalação industrial. Um trabalho bastante difícil, considerando-se as limitações de recursos na época e a eclosão da II Guerra Mundial. Em 1941, o Grupo Monteiro Aranha passa a ser acionista do novo empreendimento, com 20% do capital.

Graças ao esforço e tenacidade de seus

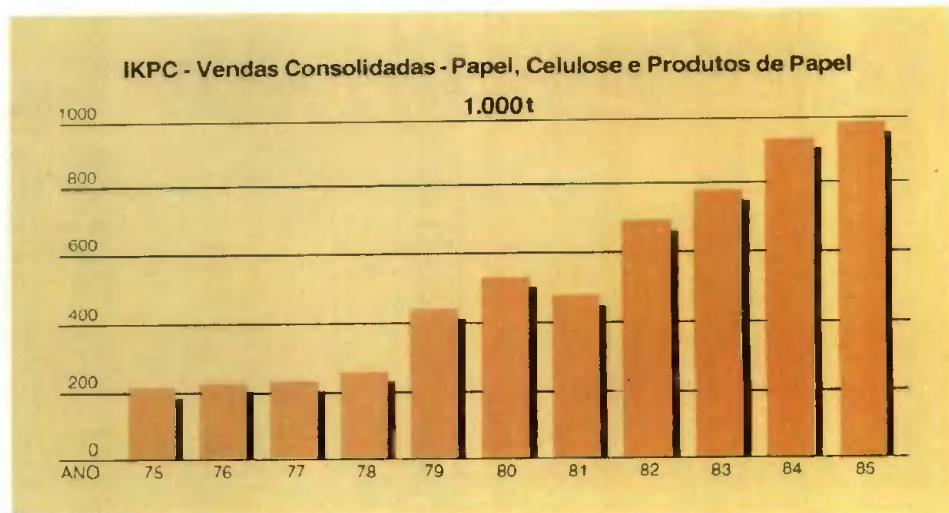


Os investimentos em pesquisa e desenvolvimento são contínuos.



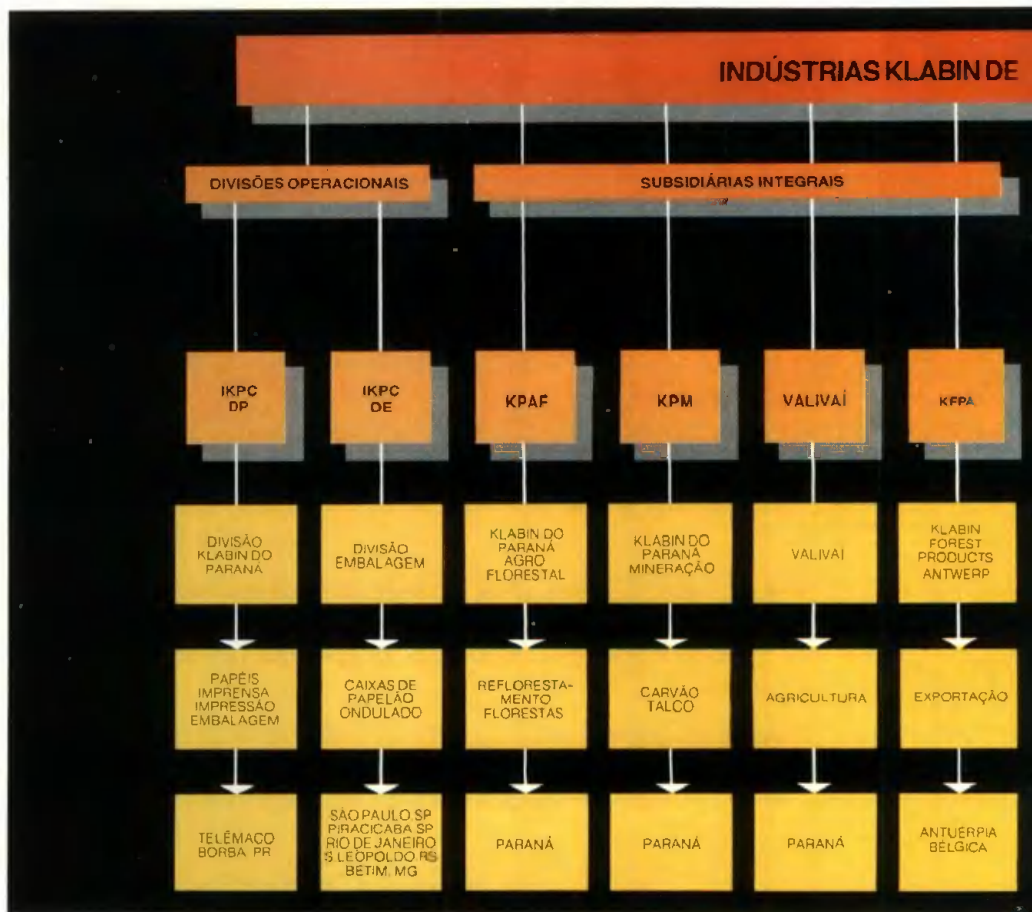
E

m 1947, um novo marco: o Brasil passa a produzir, em grande escala, o seu próprio papel de imprensa. Saído de uma fábrica do grupo.



empreendedores e funcionários, a fábrica pode ser concluída em 1947, dando início a produção de celulose sulfito, pasta mecânica e papel imprensa. A partir desse ano, o Brasil passa a utilizar papel imprensa nacional. Na edição do dia 27 de setembro de 1947, o **Jornal do Commercio do Rio de Janeiro** assinala com destaque: "Toda a edição de hoje é publicada em pa-

pel nacional fabricado pela Klabin. O Brasil entra assim para a lista dos países capazes de produzir em grande escala papel para a sua imprensa. É-nos grato, registrar nosso aplauso a Klabin, no momento em que pela primeira vez em seus 120 anos de publicação, o **Jornal do Commercio** se imprime em papel nacional". Daí para frente IKPC nunca parou de crescer e mo-



dernizar seu parque industrial.

Com o primeiro grande projeto de expansão, em 1958, dá-se a instalação de uma fábrica de celulose sulfato com recuperação química, pioneira no setor, na produção de celulose *kraft* natural e branqueada, a partir de madeiras tropicais mistas. O segundo projeto de expansão, em 1960, dá origem à subsidiária Papel e Celulose Catarinense S.A.

Com o projeto de expansão seguinte, entre 1960 e 1963, é instalada a máquina de papel número 6, elevando a produção de papel imprensa para 100 mil toneladas anuais. O quarto projeto, iniciado em 1975 e concluído no segundo semestre de 1979, constituiu-se num grande programa de modernização. A produção da fábrica foi elevada inicialmente de 660 para 1.000 toneladas/dia, chegando atualmente ao nível de 1.500 t/dia. Com esse projeto, a Fábrica de Monte Alegre tornou-se a maior unidade integrada de celulose e papel da América Latina, com nível de escala igual ao das maiores fábricas do exterior.

Encontra-se em curso um programa para elevar a capacidade desta fábrica para 1.700 toneladas/dia em 1988 — e que permitirá, já a partir de 1987, a produção de papéis revestidos para impressão — conhecidos como papéis couchê.

IKPC conta, atualmente, com duas divisões operacionais: Divisão Paraná e



Caixas de papelão ondulado produzidas nas 5 fábricas IKPC.

Divisão Embalagem. A Divisão Paraná é constituída pelo complexo fabril de Monte Alegre.

Em processo integrado com a fabrica-

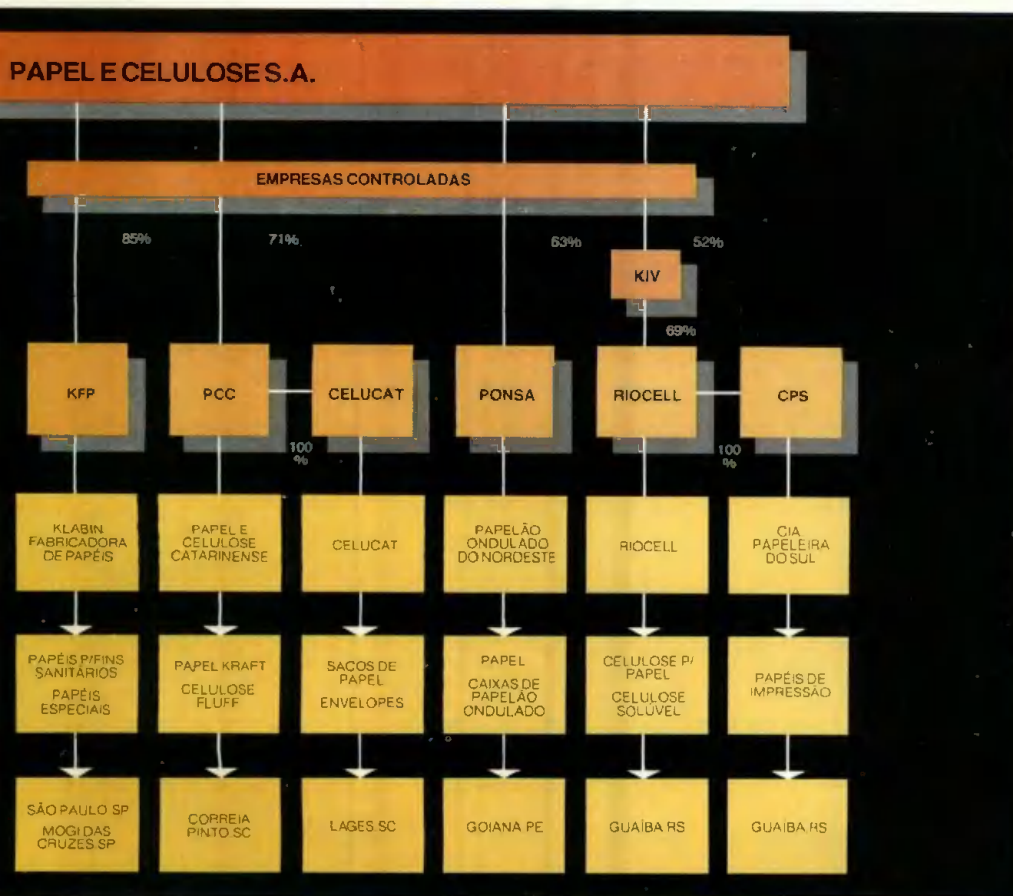
ção de celulose *kraft* natural, celulose branqueada, pasta mecânica e polpa semiquímica, produziu em 1985, 484 mil toneladas de papéis para imprensa, impressão e embalagens. Papéis de alta qualidade, como *Kraftliner* e *Eukaliner*, usados na fabricação de caixas de papelão ondulado e embalagens especiais.

A máquina número 7, instalada em 1979, é controlada por computadores e produz 700 toneladas/dia de papel *Kraftliner*, utilizado na fabricação de caixas de papelão ondulado no País e no exterior.

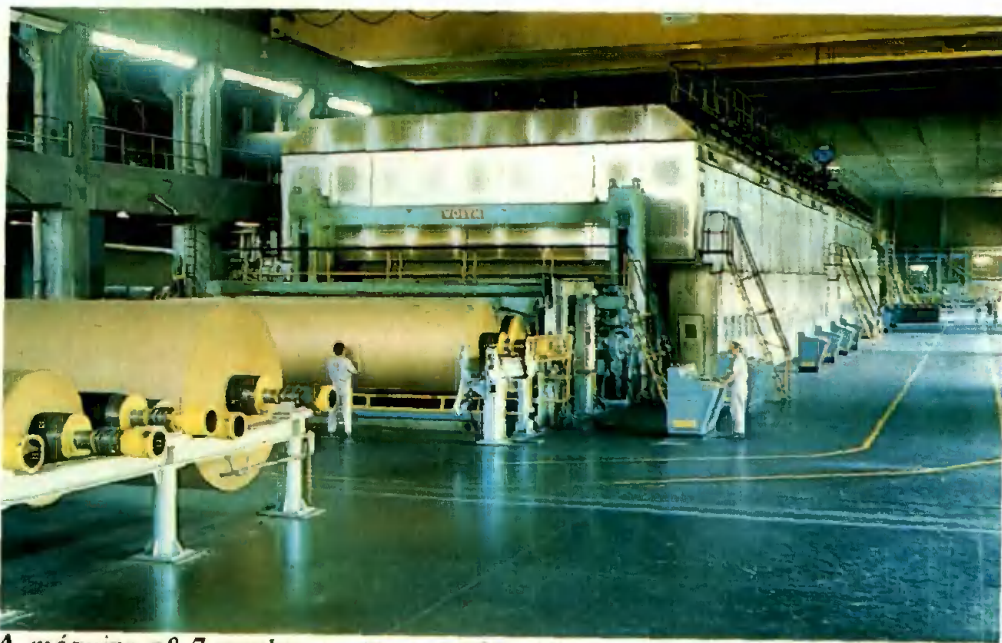
Das necessidades energéticas da fábrica, cuja carga média atinge 80 mil kW, 70% são provenientes de geração própria. IKPC possui uma usina hidrelétrica e unidades termelétricas. A partir de 1983, a empresa substituiu os combustíveis derivados de petróleo por biomassa florestal e carvão mineral — parte do qual é extraído de minas localizadas na Fazenda Monte Alegre. Sempre atenta à preservação ambiental, o grupo conta com eficiente sistema de tratamento de efluentes. No primeiro trimestre deste ano foi concluído um novo sistema de tratamento secundário, com a instalação de filtro biológico.

A empresa mantém, em Monte Alegre, além de 100 mil ha de reflorestamentos, 70 mil ha de florestas nativas preservadas e uma reserva biológica de 6 mil ha onde promove o repovoamento da fauna da região, propiciando condições adequadas para orientação ecológica e lazer.

A Divisão Paraná é atendida pelos transportadores rodoviário e ferroviário e



A pesquisa na área florestal é uma prioridade para o grupo. Afinal, o Brasil tem uma vocação natural para o reflorestamento.



A máquina nº 7 produz, no Paraná, 700 t/dia de papel para embalagem

dista 340 quilômetros do Porto de Paranaguá.

Através de sua subsidiária Klabin Forest Products, localizada em Antuérpia, na Bélgica, a empresa conta com pessoal técnico, terminal portuário e estoque de papéis para pronto atendimento aos países europeus. IKPC é responsável por 55% das exportações brasileiras de papéis para embalagem.

A Divisão Embalagem conta com cinco fábricas instaladas nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e, em fase de implantação, no Estado de Minas Gerais. Utilizando papéis produzidos pela Divisão Paraná, atende 16% do

mercado nacional, fabricando embalagens de papelão ondulado para diversos usos. O mercado de embalagens do Norte/Nordeste é atendido pela subsidiária Ponsa - Papelão Ondulado do Nordeste S.A.

Localizada na Fazenda Monte Alegre, a subsidiária Klabin do Paraná Agro Florestal é responsável pelo fornecimento de 75% da madeira consumida pela Divisão Paraná. Seus reflorestamentos de pinus, eucalipto e araucária estão a uma distância média de 30 km da fábrica. Suas reservas florestais, em conjunto com as possuídas por outras subsidiárias de IKPC, somam 161 mil ha plantados nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande



Núcleo Residencial Harmonia, em Monte Alegre, para funcionários.



Os reflorestamentos de IKPC atingem 160 mil ha de Pinus, Eucalyptus e Araucária.

do Sul. A implantação ao longo dos anos desses reflorestamentos de alta qualidade (e dentro de um raio de exploração excepcionalmente econômico) é um dos aspectos significativos e determinantes da competitividade da IKPC no País e no exterior.

O Brasil tem uma vocação natural para o setor florestal. Isto faz com que a pesquisa na área florestal seja uma prioridade de IKPC: a pesquisa genética e a pesquisa de técnicas de plantio, extração e transporte, essenciais para se obter madeira de boa qualidade e alta produtividade.

Ao par do desenvolvimento tecnológico, IKPC também investe no lado social de seus empreendimentos. Cerca de 10 mil empregos diretos são proporcionados pelas Divisões Paraná e Embalagem e pela subsidiária Agro Florestal.

Na Fazenda Monte Alegre, foram criados sete núcleos florestais onde os trabalhadores rurais residem juntamente com suas famílias. Destaca-se também, Harmonia, o núcleo residencial pioneiro e hoje destinado ao pessoal de nível técnico e de supervisão da fábrica. Os funcionários e suas famílias contam com serviços de assistência médica, escolas, creches, clubes, hortas comunitárias, restaurantes, escolas de treinamento de mão-de-obra — enfim toda a infra-estrutura necessária para o

bom funcionamento da vida comunitária.

IKPC é uma empresa *holding*, com seu capital aberto desde 1979. Além das unidades operacionais já citadas, controla outras empresas do setor de papel e celulose que relacionamos a seguir:

A Papel e Celulose Catarinense S.A. — PCC, localizada em Santa Catarina, produz 80 mil toneladas anuais de papel *kraft* natural e branco além de madeira serrada e beneficiada. A PCC tem como subsidiárias integrais a Agro Florestal Celucat S.A., com 33 mil ha de reflorestamento de *pinus*, e a Celucat S.A., fabricante de sacos multifoliados de papel e envelopes.

A Riocell S.A. fica no município de Guaíba, na Grande Porto Alegre. Produz 850 t/dia de celulose natural e branqueada de eucalipto, para papel e para dissolução — esta última usada na fabricação de viscosa, acetados e nitratos. No tocante à preservação ambiental, o moderno sistema de tratamento de efluentes industriais da Riocell é tido como exemplo para os novos empreendimentos do setor. Dispondo de terminais nos grandes portos europeus, a empresa exporta 50% de sua produção. A Riocell tem como subsidiárias integrais a Floresta Guaíba S.A., responsável pelo suprimento de madeiras, com 29 mil ha de florestas plantadas de eucalipto; e a Cia. Papeleira do Sul — CPS, fabricante de pa-

péis para impressão. Com capacidade de produção de 40 mil t/ano, é integrada fisicamente ao parque industrial da Riocell.

A Klabin Fabricadora de Papéis S.A. - KFP, com fábricas em Mogi das Cruzes e São Paulo, é tradicional fabricante de produtos descartáveis de papel, detendo 15% do mercado nacional. Produz ainda papéis especiais para impressão e embalagens. Sua produção total é de 80 mil toneladas anuais.

A Papelão Ondulado do Nordeste S.A. — Ponsa, localizada em Goiana, Pernambuco, é fabricante de celulose de bagaço de cana, papéis para embalagem, caixas de papelão ondulado e embalagens de polpa moldada. Sua capacidade de produção é de 32 mil t/ano.

Em conjunto, IKPC e suas subsidiárias proporcionam 18 mil empregos diretos. Suas vendas consolidadas em 1985, atingiram 984 mil toneladas de celulose e papel, registrando uma taxa anualizada de crescimento de 16,8%, ao longo dos últimos dez anos.

O espírito empreendedor de seus fundadores e a dedicação de gerações de dirigentes e funcionários, possibilitaram o desenvolvimento de uma empresa sólida, de porte internacional e determinada a continuar evoluindo.



É DESSA FLORESTA QUE SAI O CHAPEUZINHO VERMELHO, JOÃO E MARIA, OS IRMÃOS KARAMAZOV, A DAMA DAS CAMÉLIAS E OS TRÊS MOSQUETEIROS.

Não basta ter talento, sensibilidade e inspiração para criar ou contar histórias. É preciso que tudo isso vá para o papel. Só assim um conto, uma aventura, um grande amor, se eternizam. Quem faz esse papel muito bem é a Klabin. Uma empresa moderna e dinâmica que há mais de 50 anos transforma a madeira de suas florestas em papéis de qualidade, que se tornarão, por sua vez, em páginas e páginas de histórias e estórias. Todos os dias milhares de pessoas entram em contato com a fantasia e a realidade, através dos livros e jornais impressos com os papéis fabricados pela Klabin. E fazendo isso a Klabin contribui, cresce e vai também escrevendo a sua história.



Indústrias Klabin
Papel e Celulose

BNDES GARANTE APOIO AOS INVESTIMENTOS

O presidente da entidade, André Franco Montoro Filho, anunciou financiamentos da ordem Cz\$ 20 bilhões. E assegura: "Assumimos o compromisso de que todo projeto aprovado não ficará sem recursos".



Líderes do setor e dirigentes do BNDES reúnem-se na Fiesp.

Em reunião realizada no começo de setembro, na sede da Fiesp — Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, entre empresários do setor de celulose e papel e o Sistema BNDES, o presidente do banco, André Franco Montoro Filho, manifestou o total apoio daquela entidade aos planos de expansão da capacidade de produção do setor, que implicarão investimentos de US\$2,9 bilhões nos próximos cinco anos. O banco, segundo Montoro Filho, já garantiu, para tanto, recursos da ordem de Cz\$20 bilhões. (US\$1,5 bilhão).

Antes de falar aos empresários, em entrevista exclusiva à **Celulose & Papel** Montoro Filho confirmava a disposição do banco em financiar os projetos. Em Brasília, o ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, garantiu à **C&P** "ampla cooperação na obtenção de crédito de longo prazo equivalente a US\$1,5 bilhão".

Os mais de 150 representantes do setor deixaram a sede da Fiesp satisfeitos. Elogiaram a presença na reunião dos principais diretores do Sistema BNDES. O recém-empossado presidente da Federação das Indústrias, Mario Amato, considerou a reunião "mais um passo na trajetória de crescimento do País".

O clima foi cordial e alguns empresários falaram dos investimentos a serem feitos: de US\$600 milhões a US\$800 milhões pela Aracruz, US\$400 milhões pela Klabin, US\$250 milhões pela Ripasa e um de US\$60 milhões da Suzano e outro em fase final de estudo em *joint-venture* com a Vale do Rio Doce para 340 mil t/ano, entre outros.

Na sua exposição, o presidente da ANFPC, Horácio Cherkassky, destacou que muitas empresas objetivam investir em novas unidades, expansão e modernização de seus equipamentos, tendo em vista as características posi-

tivas do setor de papel e celulose. Cherkassky assinala, no entanto, que o setor precisa superar diversos obstáculos, onde se destacam como principais os preços artificialmente baixos no mercado interno, a descapitalização das empresas e o fato dos novos investimentos implicarem altos custos (capital intensivo) enquanto o retorno é baixo aos preços atuais.

O presidente da ANFPC ressalta ainda que os investimentos de complementação já estão em curso em algumas empresas e que nesse momento o setor estuda fontes de recursos para os novos projetos. O BNDES, segundo ele, tem apoiado historicamente o setor e já demonstrou sua posição de continuar apoiando.

O diretor-geral da Klabin, Alfredo Lobl, fez uma exposição dos planos de sua empresa, que pretende investir US\$400 milhões até 1990, e está estudando a duplicação de sua controlada Riocell, produtora de celulose branqueada de eucalipto. Estimou o empresário que o Brasil deverá ampliar consideravelmente sua condição de exportador de papel e celulose dentro de cinco anos e lembrou da necessidade de manter o cronograma de investimentos e a certeza de que não faltarão recursos no meio do caminho.

O presidente do BNDES foi bem incisivo: "Preferimos não assumir compromissos, do que não cumprir. E aqui assumimos o compromisso de que todo projeto aprovado não ficará sem recursos".

Outro ponto amplamente debatido foi a condição de pagamento. Sobre juros, a posição do BNDES é "manter taxas reais de juros positivos, média de 8% real ao ano". Porém, Montoro Filho considerou a hipótese de estudar "a criação de mecanismos nos quais se re-

E m entrevista exclusiva o ministro José Hugo Castelo Branco fala das diretrizes do Governo para o setor celulósico-papeleiro e da necessidade de modernização do parque industrial instalado.

partissem os riscos e eventuais lucros do setor”.

A fórmula sugerida pelo presidente do BNDES na reunião foi a de existir “um meio de permitir taxa de juro menor, se o resultado for menos do que o esperado, e vice-versa. Isso reduziria o risco da participação do BNDES e o retorno ficaria ligado diretamente ao resultado”.

Dentro do mesmo tema, Alberto Fabiano Pires, da Papel Simão, sugeriu que se fizesse automaticamente o refinanciamento caso o resultado não atingisse determinado nível prefixado durante a análise do projeto. Montoro Filho explicou que o banco está atento a novas formas que viabilizem os projetos, mas definiu como grande desafio de hoje “carrear da poupança financeira recursos para financiamento a longo prazo, que não deve ser mais monopólio do BNDES”.

Todos destacaram a importância e o significado democrático da reunião. Existe consenso de que o setor precisa investir para não ser surpreendido pela escassez de celulose e papel no mercado interno e a conseqüente perda de posições já alcançadas no mercado externo.

Osmar Elias Zogbi, diretor da Ripasa e presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, relembrou que o BNDES foi importante na duplicação da capacidade produtiva

do setor na década passada, “viabilizando pequenas e médias empresas. A grande empresa de hoje — diz Zogbi — já foi pequena. O setor está pronto para investir. O ano de 1987 será de grandes decisões, ano de detonar os projetos, por isso é importante que reuniões como essa se repitam”.

Na opinião de Boris Tabacof, diretor da Suzano, os projetos apresentados até agora ao BNDES não cresceram muito na área do papel (20% de aumento da capacidade contra 60% na de celulose) “devido à falta de segurança no abastecimento de celulose. Mas quando os projetos atuais começarem a se materializar, a timidez na área de produção do papel desaparecerá” — concluiu otimista, manifestando a certeza de que, assim como no passado, “o apoio do BNDES se repetirá agora”.

E os projetos que apresentarem desenvolvimento de tecnologia para maior aproveitamento de celulose, segundo os diretores do banco “terão taxas mínimas de juros (elas ficam normalmente em 8%) e a participação no capital social das empresas pode chegar ao máximo de 40% (em média é 33%)”. Recursos estão garantidos e, como disse o presidente do BNDES, Montoro Filho, o setor continuará sendo “um dos mais importantes mutuários do Sistema BNDES, com perto de 5% do total dos recursos de financiamentos existentes”.

MINISTRO RESSALTA A MATURIDADE DO SETOR

O Brasil está prestes a adotar uma nova política industrial, elaborada basicamente pelo Ministério da Indústria e do Comércio. Essa política elege, para a concentração de estímulos a investimentos e de apoio tecnológico, as indústrias de alta tecnologia, informática e microeletrônica, química fina, mecânica de precisão, aeronáutica, novos materiais e metais estratégicos. Os demais setores, porém, não ficarão de lado, garante o ministro José Hugo Castelo Branco, da Indústria e do Comércio. Essas e outras questões são abordadas em entrevista exclusiva à revista *Celulose & Papel*.

C&P — Há problemas de defasagem entre os preços internos e externos da celulose e papel. Outro problema é a fixação de preços para o mercado doméstico, em níveis que não permitem a remuneração adequada dos atuais e futuros investimentos. Como o senhor vê a equiparação do preço da celulose para os mercados interno e externo, com o conseqüente repasse de custos no papel?

Ministro — Assim como todos os produtos, a celulose e o papel estão com seus preços congelados a níveis daqueles praticados em 28 de fevereiro deste ano. Qualquer acordo quanto

ao fornecimento da celulose no mercado interno deverá ser tratado a nível de iniciativa privada, desde que não haja elevação dos preços de vendas dos produtos do setor ao consumidor final.

O recente acordo entre os produtores de celulose e fabricantes de papel, pelo qual 22% da celulose fornecida ao mercado interno tem seu preço idêntico ao praticado no mercado externo, demonstra a maturidade e a capacidade do setor para realizar seus ajustes ao Plano Cruzado.

C&P — Como o senhor vê a continuidade do programa de exportação de celulose, sem causar crise interna de abastecimento, já que a demanda por parte do parque industrial tem sido crescente nos últimos anos?

Ministro — Os maciços investimentos a serem realizados pelo setor para a produção de celulose e papel, já quantificados pelo Conselho de Desenvolvimento Industrial, são da ordem de US\$3 bilhões e permitirão que a oferta de celulose no País seja aumentada mais 60% e a de papel mais 20%, nos próximos quatro anos, possibilitando que o Brasil continue a ser um grande exportador de celulose e papel, sem abdicar dos mercados externos já conquistados e abastecendo plenamente o mercado interno.

C&P — Os empresários têm levantado a necessidade de uma revisão da política de incentivos fiscais para reflorestamento, de forma a canalizá-los especificamente para áreas de consumo industrial, criando, assim, a garantia do suporte florestal não só para o crescimento do setor, como para assegurar o abastecimento aos níveis atuais do consumo, seriamente comprometido, em vista da corrida generalizada da madeira como alternativa energética. Como o senhor concebe a garantia dessa matéria-prima para a nova arrancada industrial?

Ministro — Existem atualmente grandes áreas ocupadas com reflorestamento que não tiveram ainda aproveitamento adequado. Há que se melhorar as técnicas de plantio, manejo, exploração e de transporte para se alcançar melhores índices de produtividade.

C&P — Beneficiado pela luminosidade que aumenta a produtividade de nossas florestas, o Brasil apresenta significativas vantagens comparativas em relação aos produtos celulose e papel



Castelo Branco: cooperação Governo/setor, para financiamentos.

que já constituem importantes itens em nossa pauta de exportação (US\$1,3 bilhão em 1984/85). Como e em que medida esse setor é contemplado nos planos setoriais do MIC e de que forma será implementado? De que fonte irão jorrar os recursos necessários?

Ministro — Foi aprovada pela Câmara Setorial do Conselho de Desenvolvimento Industrial proposta de política industrial para o setor de celulose e papel, que contou com presença marcante do presidente em exercício da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, Boris Tabacof, na qual se destacam as seguintes medidas governamentais para o desenvolvimento do mesmo:

1. Estímulo à produção de fibras de celulose, bem como de pastas de alto rendimento e reciclagem de material fibroso;
2. Fomento à implantação de unidades multiclientes para a produção de fibras para se ter auto-abastecimento na fabricação de papel;
3. Condicionamento da implantação ou ampliação da produção de fibras à garantia de matéria-prima, sendo 70% própria, sem prejuízo da produção de alimentos e ao meio ambiente;
4. Apoio à implantação ou reforma de florestas destinadas ao abastecimento próprio de fábricas já existentes ou de novos projetos, bem como à infraestrutura necessária;

5. Condicionamento do aumento da oferta de papel à garantia de fornecimento de matéria-prima;

6. Restrição à exportação de cavacos de madeira e outros materiais fibrosos destinados à produção de celulose e demais pastas;

7. Identificação de oportunidades de investimento, particularmente para a fabricação de fibras, com utilização de maciços florestais atualmente sem utilização econômica;

8. Ação governamental na melhoria dos serviços portuários e de transporte marítimo, com a conseqüente redução dos custos, visando facilitar as exportações e a distribuição no mercado interno;

9. Estabelecimento de preferência do papel imprensa nacional nas compras por parte das imprensas e editoras oficiais;

10. Fomento à atividade de pesquisa tecnológica e científica, inclusive no setor florestal, de forma coordenada, visando a maximização de resultados;

11. Estímulo à capitalização das empresas via abertura de capital, mediante lançamento público de ações em bolsas de valores;

12. Propiciar ampla cooperação Governo/setor, na obtenção de crédito de longo prazo, equivalente a US\$1,5 bilhão, nos próximos seis anos;

C&P — Como o senhor vê a participação dos empresários da iniciativa privada na discussão e encaminhamento dos problemas econômicos?

Ministro — O Governo Federal tem colocado toda a sua dedicação, trabalho e criatividade para que o País supere seus problemas. E o expressivo apoio da opinião pública nacional ao Governo do presidente Sarney é uma prova inequívoca de que tem existido compreensão quanto aos esforços feitos pela equipe governamental. Entretanto, não podemos imaginar que as grandes questões nacionais serão resolvidas apenas pelas pessoas que compõem o setor público. É preciso que toda a sociedade se una em torno da superação de nossos problemas, inclusive a valerosa classe empresarial. O sucesso do Plano Cruzado, por exemplo, recebeu o apoio integral da classe empresarial,

o que contribuiu em grande parte para o sucesso dessa histórica medida. No Ministério da Indústria e do Comércio, concretizando a proposta do presidente Sarney no sentido de tornar transparentes as atitudes do Governo, temos mantido um estreito contato com os segmentos empresariais, conforme aconteceu, inclusive, na discussão das diretrizes relativas à política industrial, quando houve uma maciça participação de representantes de todos os setores, inclusive de papel e celulose, ali representado pelo dr. Boris Tabacof.

C&P — Como o Ministério da Indústria e do Comércio concebeu as novas diretrizes para o desenvolvimento da política industrial?

Ministro — O Brasil está em vias de adotar uma nova política industrial, elaborada basicamente no Ministério da Indústria e do Comércio. Essa nova política elege, para a concentração de estímulos a investimentos e de apoio tecnológico, as indústrias de alta tecnologia, informática e microeletrônica, química fina, mecânica de precisão, aeronáutica, novos materiais e metais es-

tratégicos. Isso não significa que tenhamos deixado de lado os demais setores industriais. Ao contrário, formulamos uma proposta específica para cada área. É preciso ressaltar que a política industrial a ser implementada pelo presidente Sarney tem uma estreita vinculação com o Plano Cruzado. Daí a ênfase que estamos buscando na modernização do sistema produtivo, a fim de que o processo inflacionário possa ser

contido e eliminado, através da eficiência e aumento da produtividade e da qualidade. Além disso, de acordo com as diretrizes traçadas pelo presidente Sarney, a política industrial está sendo orientada no sentido da modernização e renovação do parque instalado, com a retomada do setor e conformação gradativa de um novo padrão de industrialização, através da incorporação intensiva, de progresso técnico.

“PRODUZIR A CUSTOS AINDA MAIS BAIXOS”

A indústria brasileira de celulose concorre hoje com segurança em todos os mercados internacionais, consciente de sua competitividade. De 1,2 milhão de toneladas produzidas há dez anos, saltamos para 3,5 milhões este ano, das quais 900 mil são exportadas. No segmento papel, atingimos hoje 4,1 milhões de toneladas, duas vezes e meia o que produzíamos em 1975, com comprovada

competitividade internacional em alguns importantes produtos, como papel para imprimir e escrever e papel de embalagens.

A constatação é do presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES, André Montoro Filho, ao analisar para a revista *Celulose & Papel* a situação do setor nos mercados interno e externo. Montoro Filho mostra ainda como o

BNDES: uma proposta de ação para o setor.

Tendo em vista a importância do setor de celulose e papel no contexto da economia nacional e a posição do Sistema BNDES como principal órgão de apoio ao desenvolvimento industrial brasileiro, torna-se sumamente importante uma ação coordenada do banco e do empresariado atuante nesse segmento, visando a uma harmoniosa parceria que propicie o acelerado crescimento do setor, em sintonia com os objetivos básicos da Nação.

As etapas que constituem o processo produtivo desse setor compreendem, basicamente, três fases distintas, quais sejam: implantação de fontes de matérias-primas fibrosas, genericamente denominada base florestal; produção de fibras (celulose e pastas); produção de papel.

Há menos de dez anos, o Brasil era um importador líquido de celulose e papel e considerado internacionalmente como um potencial supridor de ma-

téria-prima fibrosa virgem (basicamente cavacos de madeira) para a indústria européia e japonesa. A partir do final da década de 70, com a implantação de grandes projetos destinados à exportação de celulose, firmou-se o Brasil como um dos maiores fornecedores de fibras do mundo. Desde então qualquer empreendimento baseado na concepção de fornecimento de cavacos de madeira para o mercado internacional tornar-se-ia altamente negativo para a economia nacional. A partir do início da década em curso, o setor tem procurado avançar mais uma etapa, tentando firmar-se como um importante exportador de alguns tipos de papel (basicamente para imprimir e escrever e papéis de embalagem).

Em grandes linhas, o BNDES resume da seguinte forma os principais objetivos a serem perseguidos ao longo dos próximos anos:

- expansão ordenada da base flores-

tal necessária aos incrementos de produção de fibras previstos;

- manutenção do mercado nacional plenamente abastecido de fibras e papéis;

- manutenção da crescente posição brasileira no mercado internacional de celulose e papel;

- aumento gradativo na produção de pastas alternativas (CMP, TMP, CTMP), destinadas à fabricação de papéis para o mercado interno,

- desconcentração empresarial, através de apoio ao crescimento de grupos de médio porte do setor;

- aceleração do desenvolvimento tecnológico e da pesquisa científica;

- estímulo à abertura de capital das empresas do setor.

A colaboração do Sistema BNDES, sob a forma de apoio financeiro ou ações de fomento, para o alcance dessas metas, deverá dar-se principalmente da seguinte forma:

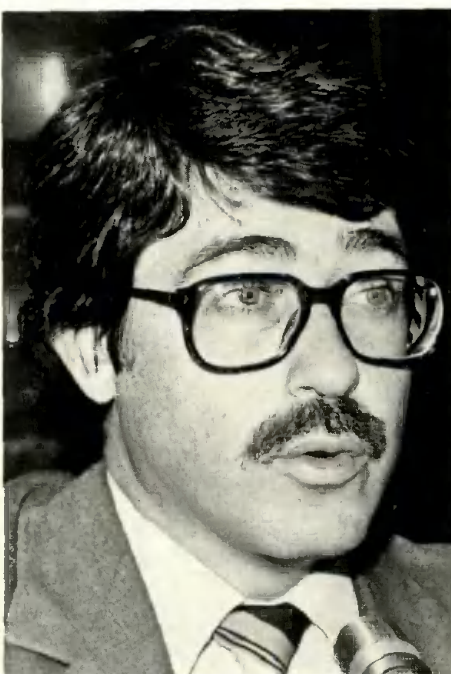
Sistema BNDES (Banco e suas subsidiárias Finame e BNDESPAR) atua no apoio à indústria de papel e celulose e anuncia que nos próximos cinco anos este apoio será da ordem de US\$ 1,5 bilhão, ou seja, 50% do investimento total das empresas.

Segundo o presidente do banco, o Sistema BNDES tem uma previsão de desembolso este ano, para o setor, de Cz\$ 2.219.200 mil. Nos primeiros sete meses do ano, observou, os desembolsos atingiram Cz\$ 884.200 mil. As aprovações totalizaram Cz\$ 784 milhões.

Estratégia de investimentos

Montoro Filho esclareceu ainda que o apoio do Sistema BNDES está direcionado para a expansão ordenada da base florestal, aumento de competitividade internacional, expansão acelerada da produção de celulose, papel e pastas alternativas, além de estímulo à descentralização (através de apoio à expansão de grupos de médio porte), à abertura de capital e ao desenvolvimento tecnológico.

A conclusão, em passado recente, de um pesado ciclo de investimentos, associada a uma posterior contração nas atividades econômicas do País, levaram



Montoro Filho: domínio total da tecnologia, para atingir a meta.

a uma redução de inversões no setor, ao longo dos últimos anos. Como fruto do progressivo esgotamento de capacidade ociosa, aliada a oportunidades vislumbradas no mercado internacional, novos projetos estão sendo concebidos, prevendo-se uma notável concentração de investimentos no período 1987/90.

André Montoro Filho aponta também as dificuldades a serem enfrentadas pelo setor: “Nos últimos anos vem-se delineando um quadro de escassez de matérias-primas fibrosas em algumas regiões do País e constata-se uma crescente precariedade no abastecimento de celulose para indústrias papeleiras não-integradas”.

“O significativo aumento do consumo previsto para os próximos anos, antecipando-se fisicamente aos incrementos de oferta decorrentes dos novos investimentos, poderão comprometer a participação brasileira no mercado internacional, tão duramente conquistada”.

“As projeções referentes ao mercado mundial apontam, para o ano 2000, vendas de 35 milhões de toneladas de pastas e um consumo de papéis da ordem de 250 milhões de toneladas, com déficit crescente em mercados hoje abastecidos. Precisamos ocupar esse espaço e a palavra-chave para essa ocupação é competitividade, que se traduz em qualidade e custo” — destacou o presidente do BNDES.

“Produzir celulose e papel a custos ainda menores, é o que devemos procurar” — observou, acrescentando que só com o integral domínio da tecnologia de fabricação e planejamento atingiremos essa meta.

a) Base Florestal

- *financiamento para implantação ou reforma de florestas destinadas ao abastecimento próprio de fábricas já existentes ou de projetos perfeitamente identificados;*

- *ação coordenada com o IBDF e Banco do Brasil, visando à maximização dos resultados decorrentes dos financiamentos e/ou incentivos alocados no setor;*

- *financiamento à pesquisa florestal, beneficiando empresas, institutos de pesquisa e, preferencialmente, convênios entre as duas partes, permitindo uma maior difusão dos resultados alcançados;*

- *ação coordenada junto às empresas do setor, visando à redução das distâncias de transporte de madeira, através de permuta de áreas florestais.*

b) Abastecimento do Mercado Interno

- *financiamento à produção de fibras, destacando-se as pastas de alto rendimento;*

- *ação de fomento visando à implantação de unidades multiclientes pa-*

ra produção de fibras e abastecimento às indústrias de papel não-integradas;

- *apoio a projetos que objetivem reciclagem do material fibroso;*

- *apoio a projetos que visem à redução do consumo de fibras na fabricação de papéis.*

c) Exportações

- *financiamento à implantação de novos projetos que visem à fabricação de celulose, papel para imprimir e escrever ou papel para embalagem, destinados precipuamente à exportação;*

- *ação de fomento visando à identificação de oportunidades de investimento, particularmente para fabricação de fibras, com utilização de maciços florestais atualmente sem utilização econômica.*

d) Pastas Alternativas

- *financiamento à implantação de unidades destinadas à produção de pastas mecânicas, termomecânicas e químico-termomecânicas;*

- *ação de fomento junto a empresas do setor, centros de pesquisa e as-*

sociações visando ao incremento da produção e estudos referentes a pastas alternativas.

e) Desconcentração Empresarial

- *identificação e apoio direto a grupos empresariais de médio porte, que apresentem destacado potencial de crescimento.*

f) Tecnologia

- *fomento a atividades de pesquisa tecnológica e científica, no âmbito de empresas ou, preferencialmente, centros de pesquisa;*

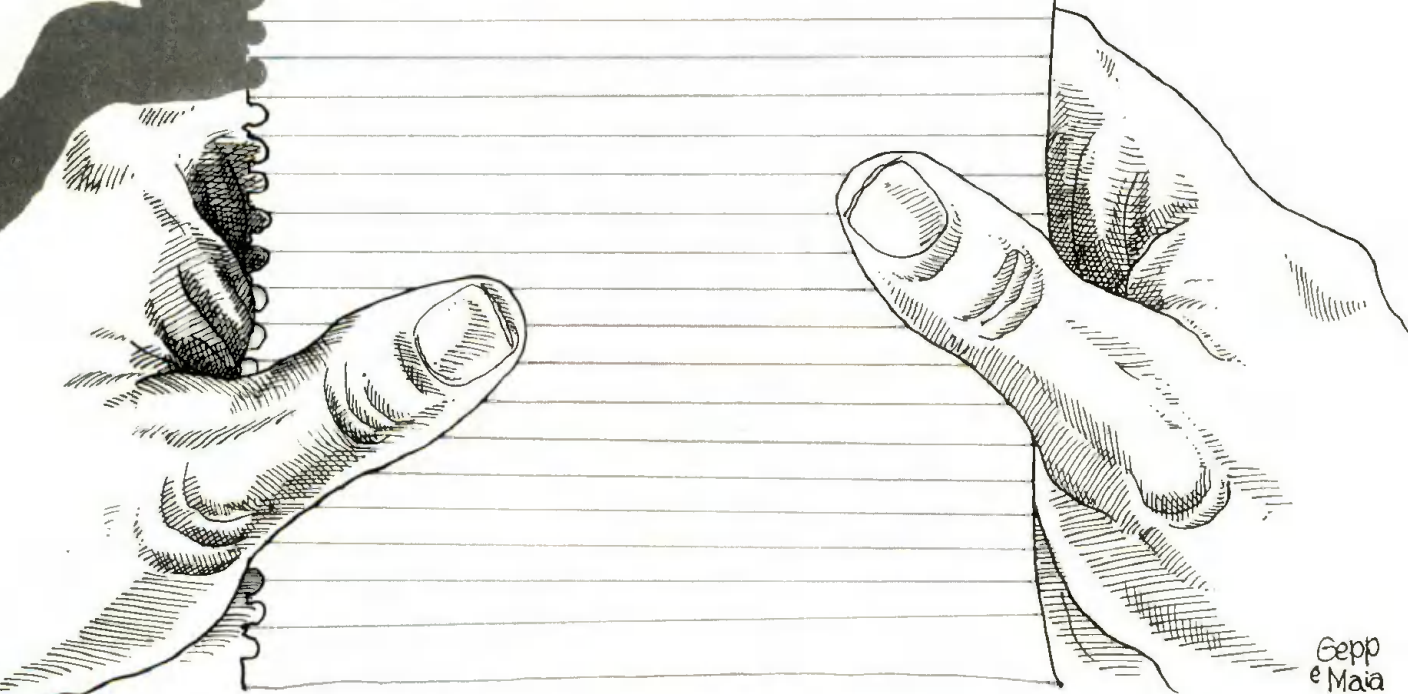
- *ação coordenada com o CNPq, Finep, IPT, Universidade de Viçosa e outras entidades envolvidas com o setor, visando à ordenação das pesquisas e maximização dos resultados.*

g) Abertura de Capital

- *estímulo à abertura de capital para as empresas do setor, incluindo a concessão, pelo banco, de empréstimos de curto prazo, que permitam a composição do esquema de fontes para o projeto até a efetiva concretização do lançamento de ações.*

CADERNEIROS: SEGMENTO EM FRANCA EXPANSÃO

O início do ano letivo nos Estados Unidos coincide com o período de entressafra do consumo no Brasil. Isto deu vez a que os produtores nacionais de cadernos pudessem manter um ritmo constante de produção nos últimos dois anos.



Gepp
e Maia

Os cadernos nacionais chegaram ao mercado norte-americano. E já competem com os produtos de lá.

Quando as crianças norte-americanas iniciam suas aulas, no mês de agosto, após as férias de verão, sem saber estão ajudando os produtores brasileiros de cadernos a solucionar um grave e antigo problema de sazonalidade. O início do ano letivo nos Estados Unidos coincide exatamente com a entressafra do consumo nacional de cadernos e as 32 empresas produtoras enfrentam um período crítico com a falta de escoamento do produto, pois o mercado só se reativa a partir do mês de setembro.

Graças a essa inversão dos calendários escolares do Brasil e dos Estados

Unidos foi possível aos fabricantes nacionais de cadernos manter nos últimos dois anos, um ritmo de produção constante. Com as exportações, especialmente para o mercado norte-americano — que deverá absorver este ano cerca de 10 mil toneladas (global de exportação), segundo estimativa dos empresários do setor — conseguiu-se reduzir a vulnerabilidade que o mercado caderno tinha em relação aos atacadistas.

Segundo o gerente de compras das Escolas Profissionais Salesianos, Sidônio Gomes Moreira, o segmento de cadernos sempre foi “vulnerável” na questão da entressafra. “De abril a

agosto, as empresas caderneiras ficavam sem opção de venda no mercado doméstico. Então o que ocorria? Os atacadistas compravam quase todo o nosso estoque, vendiam metade a preços aviltados para encontrar compradores nesse período e, por ocasião das grandes vendas de final de ano, funcionavam como autênticos concorrentes dos produtores de cadernos com a outra metade que armazenavam?”

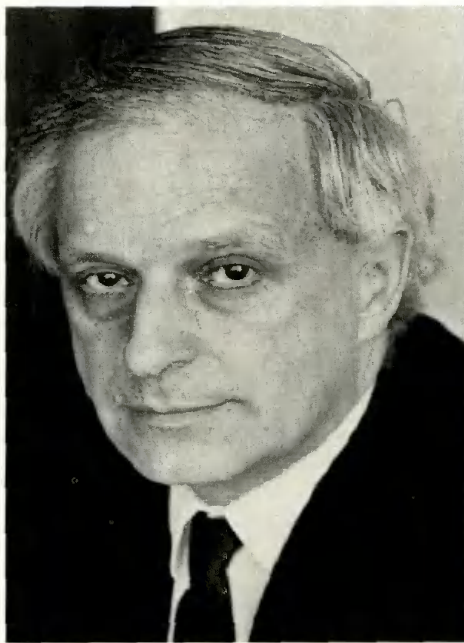
Constatado o problema que, segundo Moreira, não é novo, os produtores passaram a pensar numa alternativa que reduzisse essa vulnerabilidade. Pensou-se numa cooperativa, mas a saída que pareceu mais viável e prática foi a busca de um novo mercado principal. E nessa busca os Estados Unidos apareceram quase que como solução natural, uma vez que na Europa existiam e ainda continuam existindo muitas barreiras impostas pela CEE — Comunidade Econômica Européia.

Um consórcio para conquistar mercado

Para penetrar num mercado tão competitivo quanto o dos Estados Unidos, os empresários brasileiros tiveram que usar muita imaginação e ter muita paciência no aprendizado. Em meados de 1980, três empresas — a Propasa, a Salesianos e a Tilibra — resolveram formar um consórcio para o desenvolvimento de uma fatia daquele mercado. Esse consórcio teve a duração de três anos, após o que, de comum acordo, as empresas decidiram que cada uma tinha condições de atuar por si.

Passados dois anos, período em que as empresas atuaram com seus próprios departamentos de exportação — e que serviu como experiência —, chegou-se à conclusão que seria mais lógico voltar-se novamente para a formação de outro consórcio, desta vez composto pela Propasa, Tilibra e Melhoramentos. A Salesianos ficou de fora. Por uma série de razões, preferiu continuar atuando no mercado externo com seu próprio departamento de exportação.

O consórcio, que até hoje atua nos Estados Unidos através de uma organização denominada *Protime*, possibilitou a diminuição de custos, racionalização de operações, elaboração de catálogos conjuntos, redução nos preços, regularização nas entregas e manutenção da qualidade. Todos esses fatores, segundo José Aidar Filho, diretor da Propasa — Produtos de Papel S.A., au-



Ribeiro: exportações trouxeram uma série de benefícios para o segmento.

xiliaram muito não só às empresas que constituíram o consórcio, mas a toda a indústria brasileira de cadernos e papel, que passou a contar com mais uma alternativa.

Antes dessa experiência, segundo Aidar, as exportações brasileiras de cadernos e artefatos de papel resumiam-se a poucas toneladas para a Argentina, Chile e um pioneiro embarque de 250 toneladas de papel pautado para o Irã, feito conjuntamente pela Tilibra e Propasa, em 1978.

Além de solucionar um problema interno de entressafra, a entrada do empresariado brasileiro no mercado externo também contribuiu, segundo a avaliação do diretor da Propasa, para uma acentuada e efetiva melhoria da qualidade do produto nacional. “A exigência e a competitividade do mercado externo fez a indústria brasileira se aperfeiçoar para atendê-lo e com isso ela ganhou em produtividade, em qualidade, manutenção de preços e cumprimento de prazos de entrega.”

O diretor de Marketing da Cia. Melhoramentos de São Paulo, Murilo Ribeiro de Araújo, também concorda que as exportações trouxeram uma série de benefícios ao mercado caderneiro brasileiro. Afora todos os avanços já mencionados, Araújo acredita que as exportações ajudaram também a uniformizar a produção de papel com a de caderno.

“Além disso — observa —, para o Brasil é importante que se prossiga nessa política de cada vez mais exportar produtos com maior valor agregado. A indústria brasileira de papel e celulose

começou pensando em exportar cavaços, depois celulose, papel e, por fim, artefatos. Isto cria no empresariado nacional um comportamento altamente profissional, que incentiva ganhos de produtividade e o conhecimento de aspectos mercadológicos diferentes.”

Ótimo ritmo de expansão anual

Ultrapassado o problema de entressafra, os empresários do setor de cadernos acreditam que o mercado global — mercado interno e externo — consiga um crescimento anual da ordem de 10% até 1991. Murilo Araújo entende que o crescimento de 17% registrado em 1985, quando foram produzidas 74 mil toneladas de produtos entre cadernos, blocos, folhas avulsas e papel almaço, não se repetirá, mas tem convicção de que a expansão anual não ficará abaixo dos 10% nos próximos anos.

Já o diretor da Propasa é menos otimista quanto ao desempenho do setor. Ele crê num crescimento, mas não aposta que chegue aos 10%. Os 17% de incremento verificados no ano passado, segundo o empresário, ocorreram porque o País havia saído de um período recessivo bastante agudo. Aidar prefere acreditar num crescimento em torno de 5,5% nos próximos anos para o mercado caderneiro como um todo. Para se alcançar essa taxa ele defende o incentivo do uso do caderno fora das escolas.

O que leva o diretor de Marketing da Melhoramentos a acreditar numa expansão da ordem dos 10% nos próximos anos são as exportações de um lado, e o incentivo dado pelo Governo a educação, de outro. “Creio que a eliminação do livro descartável estimulará enormemente o uso do caderno” — diz Araújo, acrescentando que o consumo estimado de cadernos para este ano é de 165 milhões, para um universo estudantil, matriculado desde o primário até os cursos superiores, da ordem de 32 milhões de alunos. Segundo ele, isso significa um crescimento de 3,4% em relação ao ano passado.

A entrada em vigor da Lei Calmon, que incentiva a educação, o retorno do livro reutilizável, e a melhoria geral do poder aquisitivo das pessoas também são fatores elencados por outros empresários para as perspectivas otimistas do segmento de cadernos. O diretor da Propasa, José Aidar Filho, acredita que o setor de cadernos chegará em 1990 processando entre 105 e 112 mil toneladas de produtos.

Aidar ressalta, entretanto, que ain-



Gomes Moreira: pode faltar cadernos, se revendedores não se programarem.

E m função do Plano de Estabilização Econômica, 1986 é considerado um ano atípico. Por isto, as compras devem ser programadas com antecedência.

da existe uma ociosidade média da ordem de 50% no setor. Diz que essa ociosidade atinge sobretudo as pequenas empresas, que são responsáveis por 45% da produção global do setor.

Para Sebastião Lopes de Godoy Neto, diretor-comercial da Tilibra — uma das grandes produtoras do setor caderno, que está fabricando mensalmente cerca de 1.800 toneladas de papel pautado —, o setor tem condições de aumentar mais 10% a produção global que, segundo afirma, está hoje na casa das 12 mil toneladas/mês. Em relação a Tilibra, particularmente, ele espera uma expansão de 30% na produção, já para o início do próximo ano.

O otimismo de Lopes vem do incentivo dado pelo Governo ao setor educacional. “Afinal de contas — lembra ele — o Governo destinou este ano 13% do orçamento da União para programas educacionais, percentual bem superior aos 4% que eram usuais nos anos anteriores”.

Além do incremento nas vendas, por causa dos programas de melhoria educacional, o empresário recorda também que as exportações, sobretudo as realizadas pela Protime, prometem um bom desempenho não só neste como nos próximos anos.

“No setor caderno as vendas externas não significam somente um mercado alternativo, mas sim uma questão de sobrevivência para as empresas, devido aos problemas sazonais” — lembra Lopes, advertindo para o fato de

que este ano, em função dos pequenos problemas de abastecimento decorrentes do Plano Cruzado, muitos atacadistas e a maioria das lojas estão antecipando as compras.

Lopes recorda, entretanto, que o incremento das exportações esbarra nos preços elevados do frete internacional que, segundo diz, representa hoje de 10% a 12% no valor do produto colocado, por exemplo, dentro dos Estados Unidos e também no diferencial de preços que, a seu ver, chega atualmente à casa dos 25%.

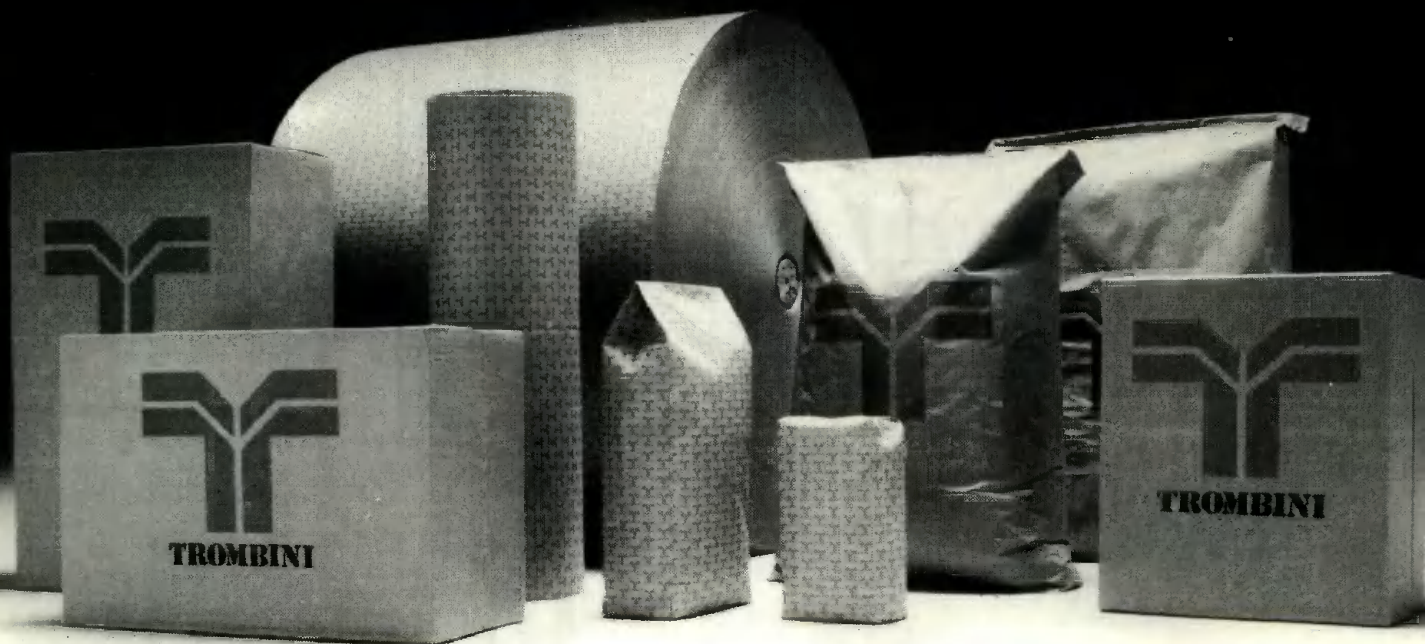
Apesar dessas dificuldades, Lopes defende uma atenção cada vez maior ao mercado externo por entender que esse mercado “não só resolve os problemas de preços internos, através da amenização da sazonalidade, como também melhora a qualidade dos produtos brasileiros lá fora, na medida em que a competitividade existente nos mercados norte-americano e europeu obriga as empresas a aperfeiçoarem seus produtos e com isso todos saem ganhando”.

Conselho ao cliente: programar as compras.

A maioria dos produtores de cadernos encaram 1986, em função do Plano de Estabilização Econômica, como um ano atípico e aconselha seus clientes a programarem suas compras, não deixando para comprar tudo no final do ano pensando aproveitar o congelamento de preços. Sidônio Gomes Moreira, da Salesianos, acredita que faltará cadernos no início de 1987, se os revendedores não programarem desde já suas compras.

Moreira explica que, com a estabilidade de preços, os revendedores são tentados a deixar todas as suas compras para o final do ano e isso, segundo diz, poderá sobrecarregar os produtores. De acordo com Moreira, para agravar a situação, as indústrias de papel diminuíram os prazos de pagamento de 120 para 45 dias e os fabricantes de cadernos e artefatos tiveram que repassar estes prazos aos seus clientes. “Nesse sentido — sentença — penso que seria interessante que os nossos revendedores comessem suas compras desde já. Assim, eles não se apertariam nem correriam o risco de ficar sem o produto na hora do pico de consumo.”

Nos investimos no papel da indústria.



O verdadeiro papel da indústria é o de atender às exigências do seu mercado consumidor, em qualidade e volume de produção. É neste sentido que o Grupo Trombini está estruturado, da matéria-prima à fabricação dos seus próprios equipamentos.

As 11 empresas do Grupo Trombini movimentam 14 fábricas em todo o Brasil, atuando de forma integrada nas áreas de florestas, agropecuária, indústrias de celulose, papel, embalagens de papelão

ondulado, sacos de papel e máquinas e equipamentos específicos para o setor — sempre, e acima de tudo, preservando a qualidade.

Um trabalho que vem proporcionando ao Grupo Trombini um crescimento racional e permanente, que traduz a vitalidade da nossa economia e antecipa um desenvolvimento industrial ainda mais intenso, baseado no investimento planejado e contínuo no papel da indústria.



Grupo Industrial Trombini

A IMPORTÂNCIA DA NORMALIZAÇÃO NAS EMPRESAS DE HOJE



Maury
Fontes de
Athayde*

Com as mudanças econômicas implantadas no País a partir do Plano Cruzado, a indústria — como, de resto, os setores produtivos em geral — passou a dedicar mais atenção ao binômio produção-produtividade. Com isto, os segmentos ligados à produção dentro das empresas voltaram a ter sua importância reconhecida. Neste contexto, também o setor celulósico-papeleiro teve de adotar medidas capazes de adaptá-lo à nova realidade nacional, assim como complementar tais medidas com providências nas áreas da produção e da produtividade de suas empresas.

Para que mais rapidamente se alcance e mantenha em níveis ideais o funcionamento desse binômio, uma ferramenta, entre outras, é indispensável: a norma técnica. E, através dela, a aplicação, na empresa, do conceito de Normalização atuando como departamento informativo para as áreas técnicas e comerciais, fornecendo as normas e o conteúdo de informações necessárias para se atingir o desempenho desejado.

A normalização, sabemos, é um processo inerente à própria natureza, já que aparece desde a formação do mundo. O ser humano, desde os mais primitivos tempos, começou — através de desenhos, símbolos, objetos, medidas de tempo, comprimento e peso, pela regulamentação do seu comportamento na comunidade, práticas comerciais rudimentares e outras manifestações — a criar e fixar o conceito de normalização. Mais tarde, porém, com a Re-

volução Industrial implantando novos procedimentos e novas práticas comerciais, pode-se afirmar, teve início a normalização sistemática.

Atualmente, a implantação do conceito de normalização na empresa é bem mais abrangente, envolvendo desde o mais simples funcionário ao mais alto executivo. E a adoção dessa mentalidade resulta no aprimoramento de produtos e na adequação dos índices de qualidade aos melhores níveis nacionais e internacionais.

Quando aplicada com seriedade e objetividade na empresa, a normalização se traduz na regularidade da produção e na garantia de qualidade dos seus produtos, garantindo-se uma melhoria de imagem, que passa a ser conceituada como tecnologicamente desenvolvida. Além disso, conduz a um funcionamento harmônico da produção e da qualidade, o que, aliado a outras medidas necessárias, permite alcançar, manter e até mesmo superar objetivos predeterminados para o binômio produção-produtividade.

A normalização e a tecnologia são importantes parâmetros para a definição da estratégia industrial dos países em desenvolvimento, onde a necessidade da utilização de normas e do desenvolvimento da tecnologia unem-se para ser incorporados ao sistema econômico, demandando conhecimentos científicos e tecnológicos adequados às exigências e aos limites de recursos disponíveis para se atingir as metas traçadas.

Aliás, atividades normativas efetivas envolvem gastos substanciais, tanto por parte do setor privado quanto do governamental, já que exige regularmente, a reunião de técnicos de várias partes do País para um intercâmbio de experiências, representando, sem dúvida, elevados custos. Mas esses justificam-se pelos benefícios econômicos que podem ser obtidos com a normalização quando devida e corretamente aplicada aos processos. A nosso ver, a normalização é uma atividade social e também econômica, devendo, portanto, ser fruto da cooperação entre os interessados. O estabelecimento de uma norma se constitui essencialmente, num ato de simplificação baseado em consenso.

Os grandes objetivos da normalização são: a simplificação dos processos; a melhoria da qualidade dos produtos; o aumento da produção e da produ-

tividade; a diminuição da necessidade de capital de giro e dos custos de produção; a eliminação de barreiras comerciais; e, principalmente, a otimização do uso de máquinas, materiais e mão-de-obra dentro da empresa.

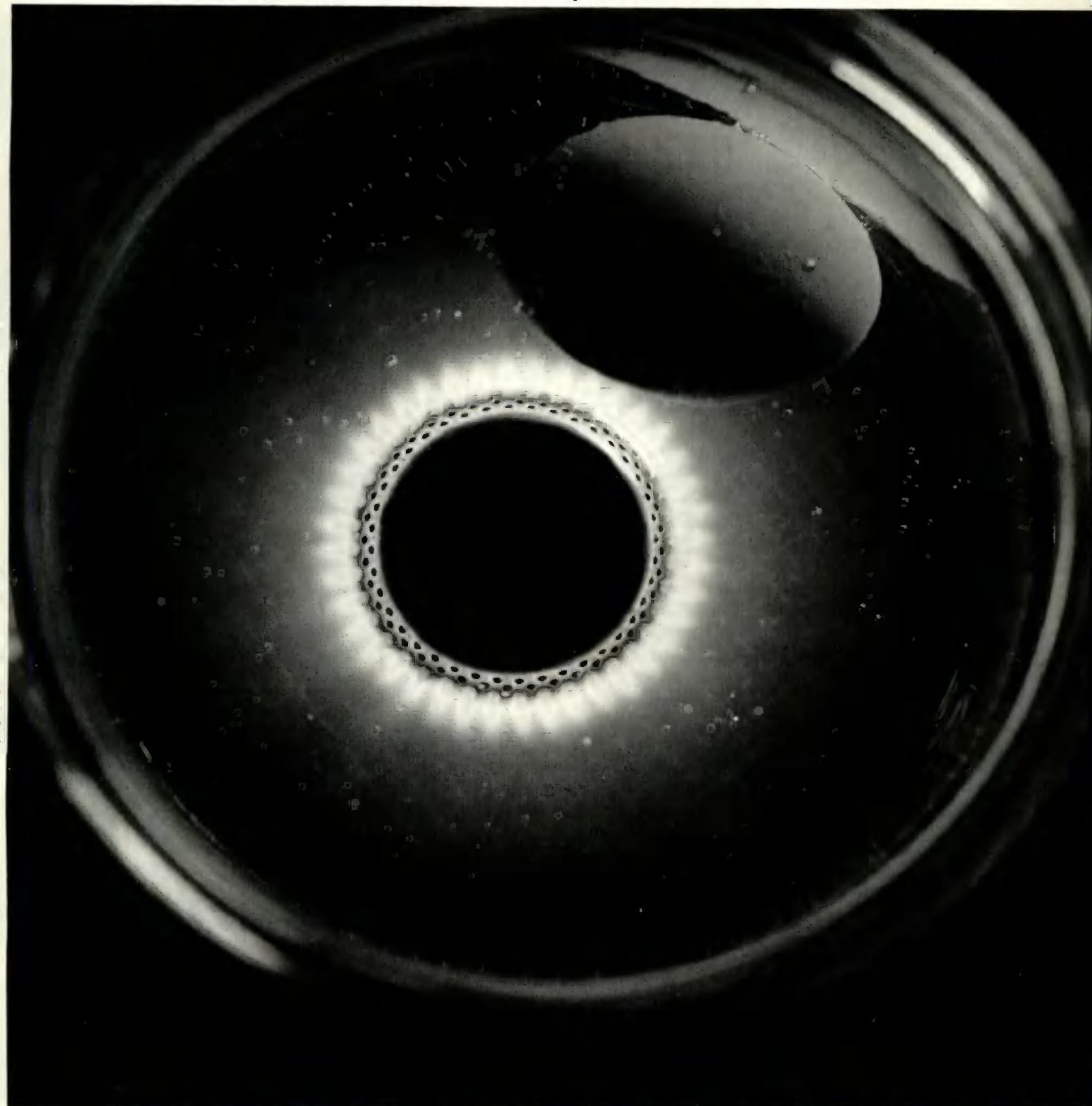
A normalização traz, ainda, outras grandes vantagens para a empresa: a) na fase de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, facilitando a sua identificação e obtenção a custos competitivos; b) torna mais fácil o controle de recebimento de matéria-prima, pela utilização de regras uniformes, tais como métodos de inspeção, amostragem, características a serem verificadas, tolerâncias etc.; c) redução de variedade; d) simplificação de operação; e) otimização de uso de equipamentos; f) diminuição de custos e do tempo dispendido na produção e na manutenção; g) proteção ecológica, através de normas que possibilitem o tratamento tecnicamente correto e economicamente viável dos resíduos poluidores; h) redução de estoques, usando-se normas nacionais que garantam o suprimento de componentes disponíveis no mercado.

Convém assinalar que a normalização é um trabalho de infra-estrutura e, portanto, deve ser elaborado com esmero e devidamente aplicado, se desejarmos dispor de uma base tecnologicamente sólida que possibilite suplantarmos as metas de qualidade de produtos, de modo que estes se possam afirmar nos mercados nacional e internacional.

Finalmente, cabe ressaltar que, hoje, mais do que nunca, torna-se imprescindível e relevante a participação das empresas junto às entidades e associações que se vêm dedicando à elaboração e oficialização de normas, de modo a que essas efetivamente possam ser elaboradas e aplicadas, garantindo-nos condições para acompanhar o desenvolvimento tecnológico e comercial dos países mais adiantados. Por outro lado, com essas medidas estaremos em condições de nos defender perante normas internacionais mais restritivas que, eventualmente, venham a ser aplicadas, impedindo-nos, conseqüentemente, manter e elevar nossa posição de exportadores de celulose e papel de reconhecida qualidade. ♻️

*Maury Fontes de Athayde é assistente da Diretoria de Comercialização de Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A. e coordenador do GT-1 da ANFPC.

EM TODOS OS MOMENTOS, EM TODOS OS LUGARES



ENERGIA DE SÃO PAULO, ÀS SUAS ORDENS.

TODOS OS DIAS, TODAS AS NOITES, VOCÊ FICA LIGADO NA ENERGIA DE SÃO PAULO. A ENERGIA DE SÃO PAULO VIVE LIGADA EM VOCÊ. PRODUZINDO ELETRICIDADE, PESQUISANDO FONTES ALTERNATIVAS DE ENERGIA, FORNECENDO GÁS. É A CESP, A CPFL, A ELETROPAULO E A COMGÁS, A SERVIÇO DA COMUNIDADE.

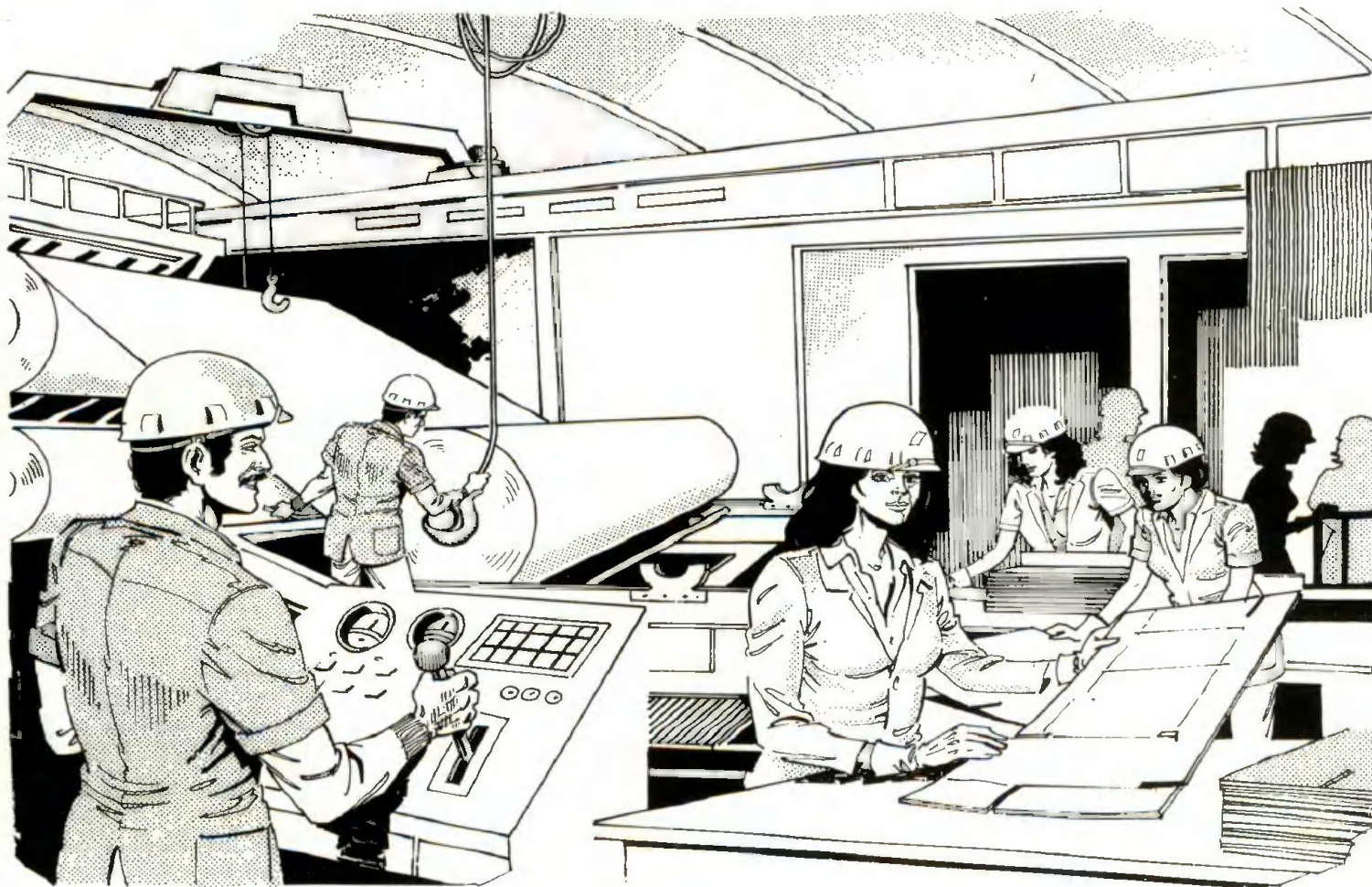
**ENERGIA DE
SÃO PAULO**
ADMINISTRAÇÃO UNIFICADA
CESP
CPFL
ELETROPAULO
COMGÁS



GOVERNO MONTOR

A MOLA MESTRA DO DESENVOLVIMENTO

Por José Brito Castro*



Tal como as duas faces de uma moeda, que se completam para dar-lhe seu valor intrínseco, assim também as empresas e seus empregados se complementam para o desenvolvimento de ambos. Desde os primórdios da civilização até os tempos hodiernos, o homem tem sido, sem dúvida, a mola mestra do desenvolvimento de todas as nações; alguns com sua genialidade criadora, outros aventurando-se em áreas nunca antes exploradas, milhões e milhões atuando, cada qual dentro de seus conhecimentos, experiências e habilidades; todos enfim com o objetivo de se criar um mundo cada vez melhor onde possamos desfrutar de uma vida mais longa, mais saudável, mais alegre, com mais segurança e onde gerações e gerações, baseadas no passado, vivendo

O setor de celulose e papel não se preocupa apenas com máquinas e matérias-primas. Seu maior capital é o homem.

o presente, continuarão, criando novas melhorias.

Se pararmos para pensar, que somente nos últimos 40 anos o desenvolvimento tecnológico superou em tudo o que ocorreu nos séculos anteriores; chegaremos à sua causa principal — o homem — sem o qual nada teria ocorrido. Nas indústrias em geral, tem havido ênfase cada vez maior na obtenção e desenvolvimento dos recur-

sos humanos adequados para se atingir índices de produtividade cada vez mais elevados, e as indústrias de celulose e papel têm demonstrado ao longo dos anos o valor que dão a estes recursos, mantendo políticas de pessoal que as colocam em posição invejada, em relação a outros ramos industriais.

Comparando-se com os demais setores, o de celulose e papel apresenta, na maioria das empresas, baixos índices de rotatividade de mão-de-obra, o que é uma consequência da segurança e da estabilidade que oferece a seus colaboradores. Devido a marcantes investimentos em equipamentos de proteção individual e coletiva, aliados ao desenvolvimento tecnológico, a sistemas operacionais e constante aprimoramento de profissionais das áreas de segu-

rança e medicina do trabalho, o setor apresenta baixos índices de acidentes no trabalho, quer em termos de frequência ou de gravidade, quando comparados com os de outros setores industriais.

O setor papel/celulose não se preocupa somente com novas máquinas, novas matérias-primas etc.; seu principal capital é o homem, e prova disto é que, ao longo dos anos, vem investindo expressivos valores nas atividades de treinamento e desenvolvimento de seus recursos humanos em todos os níveis — operacionais, administrativos e gerenciais — e tais políticas de administração, também são causa e consequência naturais, de mais uma característica bastante marcante que é a ênfase que tem sido dada no recrutamento interno, proporcionando freqüentes oportunidades para o crescimento do homem nas empresas, ocasionando sua valorização profissional e conseqüente melhoria salarial.

Não podemos deixar de citar as políticas de benefícios que tanto grandes ou pequenas empresas mantêm para seus empregados e dependentes. No Estado de São Paulo, por exemplo, o setor empresarial mantém um amplo e bem instalado hospital, inclusive com centro de terapia intensiva, onde todo o atendimento de consultas, hospitalização, tratamento etc. é dado sem qualquer ônus aos trabalhadores do setor e também para seus dependentes. E, visando melhorar ainda mais estes benefícios, iniciou um plano de instalação de ambulatórios regionais para atendimento no interior do Estado.

Não podemos, porém, deixar de ressaltar as dificuldades que, ao longo dos anos, tiveram que superar para chegar aos dias de hoje, sabendo que a luta ainda não terminou nem terminará tão cedo. Os administradores das indústrias de papel e celulose estão conscientes de que, quando novas máquinas são fabricadas, novas tecnologias são desenvolvidas, novas matérias-primas surgem; todos, em maior ou menor espaço de tempo, terão acesso a elas, tornando-os iguais em termos competitivos nestes campos. Mas não se pode copiar recursos humanos e somente àquelas empresas que ênfase e real importância derem às suas políticas de obtenção, treinamento/desenvolvimento, remuneração e benefícios é que, sem dúvida, terão trabalhadores cada vez mais eficazes e atingirão maior produtividade, continuando a desenvolver-se e a fazer o seu papel no desenvolvimento de nosso país.

Veja como receber **CELULOSE & PAPEL** e ficar muito bem informado.

A revista **CELULOSE & PAPEL** é o veículo de comunicação desse importante setor econômico brasileiro que é a indústria celulósico-papeleira.

Assim, é leitura obrigatória para executivos e técnicos não só do setor, como de todas as áreas decisivas da economia — sejam governamentais ou privadas. Para que pessoas importantes nas áreas administrativa, técnica e financeira de sua empresa recebam a revista **CELULOSE & PAPEL**, envie seus nomes (dando cargos e endereços) à **UNIPRESS EDITORIAL LTDA.**

Os pedidos de assinatura que chegarem até janeiro serão atendidos gratuitamente.



UNIPRESS EDITORIAL LTDA.

Av. Paulista, 2.006 — 11º andar — Conjs. 1.103 a 1.109
Fones: 285-6233 — 289-0841 — 289-1803 — 285-4104
CEP 01310 — SÃO PAULO — SP

MERCADO COMUM NA AL A CURTO PRAZO

O que não passa, para muitos, de utopia, é uma possibilidade real a curto prazo para o presidente da Cicepla. Daí a importância maior que se dá à próxima reunião da entidade, a realizar-se em outubro.

Um mercado comum latino-americano no setor de celulose e papel, já funcionando dentro de pouco tempo? Para muitos, isto não passa de uma utopia. Mas Horácio Cherkassky, presidente da Cicepla — Confederação Industrial de Celulose e Papel Latino-Americana, acredita que já se pode delinear esse mercado comum. E chama a atenção para a importância que, por causa disso, assume a próxima conferência da entidade, que se realizará em São Paulo, entre os dias 22 e 25 de outubro, no Maksoud Plaza Hotel.

Para o dirigente, o principal objetivo dessa reunião será “demonstrar aos empresários latino-americanos que é perfeitamente possível um aumento das relações de trocas, tanto no campo tecnológico, quanto no comercial, entre os países do continente”.

Os oito países-membros da Cicepla já têm presença confirmada e, ao contrário do que ocorreu em dezembro em Cali (Colômbia), quando as perspectivas de novos investimentos do setor em projetos de grande porte eram limitadas por uma série de circunstâncias desfavoráveis, a próxima reunião se realizará num clima em que as possibilidades de instalação de novos e grandes projetos são palpáveis e já se tornam realidade em diversos países.

Horácio Cherkassky diz que, “apesar das dificuldades, a implantação de novos projetos na área de celulose e papel é uma realidade e as intenções de investimentos são manifestadas em grande escala pelo empresariado”.

Ele lembra que, no Brasil, maior produtor latino-americano de papel e ce-

QUADRO I

EXPORTAÇÕES DE CELULOSE EM 1985

Continentes	em t	%	em US\$1.000
América Latina	89.541	9,5	27.717
Europa	351.111	37,3	107.858
África	4.316	0,5	1.438
Ásia/Oceania	265.723	28,3	72.976
América do Norte	229.771	24,4	72.134
Total	940.462	100,0	282.123

Fonte: ANFPC

QUADRO II

EXPORTAÇÕES DE PAPEL EM 1985

Continentes	em t	%	em US\$1.000
América Latina	105.381	19,4	63.740
Europa	133.332	24,5	39.169
África	114.611	21,1	61.324
Ásia/Oceania	141.056	26,0	66.867
América do Norte	49.003	9,0	31.686
Total	543.383	100,0	262.786

Fonte: ANFPC

lulose, as perspectivas de aumento do consumo de papel e celulose, nos mercados interno e externo e a estabilidade gerada pelo Plano Cruzado têm incentivado gerando condições propícias para que os empresários do setor estudem investimentos na ampliação dos parques fabris.

Para Cherkassky, é de vital importância para os empresários do continente, a realização de maior intercâmbio comercial entre os países da própria América Latina, aumentando a participação destes nas exportações do continente.

Um exemplo disso são as exporta-

ções brasileiras. Os dados de 1985 da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, dão conta de que 37,3% da celulose e 24,5% do papel vendidos pelo Brasil no ano passado foram destinados à Europa, enquanto 28,3% da celulose e 21,1% do papel tiveram como destino a Ásia e Oceania. Já para o continente latino-americano, as exportações brasileiras no mesmo período não passaram de 9,5% de celulose e de 19,4% de papel. (Veja quadros — pág. 32).

Cherkassky recorda que as diversas reuniões e assembléias da Cicepla já contribuíram para aproximar os empresários latino-americanos ligados ao setor de papel e celulose. “Os empresários passaram a ter um melhor relacionamento” — relembra o empresário, destacando que isto se deve em grande parte à atuação da Cicepla, entidade criada em junho de 1975, portanto há mais de dez anos, no México.

Nesses anos todos, a Cicepla tem procurado transformar em realidade o

que pregam seus estatutos, ou seja, que deve ser um órgão que sirva para fomentar o comércio de produtos das indústrias de papel na América Latina, com o propósito de substituir as importações extrazona; aprofundar o intercâmbio tecnológico, a comunicação e os contatos pessoais dos empresários; elaborar e revisar estatísticas de produção de *marketing* do setor e uniformizar a nomenclatura dos termos utilizados na indústria e comércio de celulose e papel.

Veja aqui o programa da reunião

Dia 22 (Quarta):

das 8h30 às 9h30 - *Inscrição dos participantes*; das 9h30 às 10h - *Abertura oficial*; das 10h às 10h30 - *Instalação das comissões*; das 10h30 às 11h - *Intervalo (café)*; das 11h às 12h30 - *Apresentação dos países*; das 12h30 às 14h - *Almoço de trabalho (Hotel - Salões Araguaia e Tocantins)*; das 14h às 15h30 - *Reunião de comissões*; das 15h30 às 16h - *Intervalo (café)*; das 16 às 17h - *Reunião de comissões*; das 17h às 17h30 - *Intercâmbio Comercial na América Latina - Ministério das Relações Exteriores/Itamaraty*; das 17h30 às 19h30 - *Apresentação do estudo “Oferta e Demanda Mundial de Celulose e Papel”, por Phil Wardle (FAO)*; 19h30 - *Coquetel*

e jantar (Hotel - Salões Brasil e São Paulo).

Dia 23 (Quinta):

das 8h30 às 10h - *Reunião de comissões*; das 10h às 10h15 - *Intervalo (café)*; das 10h15 às 12h30 - *Reunião de comissões*; das 12h30 às 14h - *Almoço de trabalho (Hotel - Salões Primavera e Uirapuru)*; das 14h às 14h30 - *Reunião do Conselho Diretivo*; das 14h30 às 16 - *Reunião das comissões*; das 16h às 16h15 - *Intervalo (café)*; das 16h15 às 17h30 - *Reunião de comissões para a elaboração das conclusões e informe final*; das 17h30 às 18h - *Reunião do Conselho Diretivo com os coordenadores das comissões*; 18h. *Noite livre.*

Dia 24 (sexta):

das 8h30 às 9h30 - *Reunião do Conselho Diretivo*; das 9h30 às 10h - *Apresentação do informe final pelos coordenadores das comissões*; das 10h30 às 10h45 - *Intervalo (café)*; das 10h45 às 11h30 - *Encerramento oficial*; das 12h às 16h - *Almoço de confraternização oferecido pelo presidente da Cicepla, Horácio Cherkassky (Local: Fazenda Rio da Prata - Campinas - SP; Saída (ônibus) às 12h, do saguão do hotel).*

Informações complementares: Maksoud Plaza Hotel - Al. Campinas, 150 CEP 01404 - São Paulo - SP - Fone (011) 251.2233 - Telex 1130030/1130026

CONVERTEDORES REÚNEM-SE NA INGLATERRA

A cidade de Manchester, na Inglaterra, sedia o Convertex 86 — Congresso e Exposição de Conversão de Papel, Fita e Folha, um encontro de conversores e seus fornecedores. Nos dias 11 a 13 de novembro, o evento reunirá a mais avançada tecnologia de conversão no Centro de Exposição G-Mex, no coração da cidade.

Segundo congresso e exposição europeus combina-

dos em uma série de convenções, o evento terá como tema principal “O mutante mundo da conversão”, que se realizará paralelamente à exposição. A Pita — Paper Industry Technical Association é a promotora do congresso, cujo programa compreende mais de 30 trabalhos, apresentados por especialistas internacionais, além de sessões de esclarecimentos e explorações sobre equipamentos de

medição e controle, materiais de processamento, processamento e materiais de medição e controle.

Mais de cem empresas inglesas e de outros países exibirão em seus estandes as últimas novidades em máquinas e equipamentos que abrangem vários setores recentemente desenvolvidos. Os organizadores da exposição comunicam que restam poucos estandes disponíveis.

A expectativa é de que um elevado número de empresas participem da Convertex 86, uma rara oportunidade de oferecer atualização tecnológica aos seus técnicos, engenheiros e outros profissionais das áreas de decisão. Para maiores informações sobre o congresso e exposição, entrar em contato com a Pita: Pira House, Randalls Road, Leatherhead, Surrey KT22 7RU - Fone 0372 376161; ou Convex House, 43 Dudley Road, Tunbridge Wells, Kent TN1 1LE - Fone 0892 44027

ESPAÇO PARA O PAPEL NA VI FEIRA DE INFORMÁTICA

A Feira da Informática é realizada todos os anos no Brasil. Nos anos ímpares em São Paulo, nos anos pares no Rio de Janeiro. A feira deste ano ocupou uma área de 25 mil metros quadrados no Riocentro, com estandes de expositores nacionais e de outros países, principalmente dos Estados Unidos.

Esta feira é considerada um importante acontecimento por mostrar ao público o que estamos produzindo em matéria de tecnologia de ponta, a mais avançada que existe. Como exemplo, podemos citar a tecnologia dos satélites e a tecnologia da informática (computadores).

No Brasil a indústria da informática está em pleno desenvolvimento e existe um grande debate político para saber se os estrangeiros podem entrar no campo do microcomputador ou se deve haver reserva desse mercado só para fabricantes brasileiros.

Cresce a cada ano o número de indústrias participantes na feira. Entre as dezenas de expositores podemos destacar: Suzano, Simão, Basf, Biodata Informática e Tecnologia, Brascon Computadores Brasileiros, Burroughs Eletrônica, CCE da Amazônia, Cobra Computadores e Sistemas do Brasil, Elebra, Pirelli, Philips, Itautec - Itau Tecnologia, IBM do Brasil, Gradiente, Execplan, Verbatim, Siemens, Singer do Brasil, Sharp, Xerox, Triunfo e muitas outras.



No estande da Suzano, o papel Report.



E a Simão exige seu Extra-Copy.

A Companhia Suzano de Papel e Celulose também participou da feira, com um estande especialmente mon-

tado para o papel Report, ocupando área de 48 metros quadrados. Jaime Paez, gerente de produto da empresa, comentou: "O que nos fez participar desta feira foi o fato de ser uma exposição da tecnologia mais deservida do Brasil. Assim, o papel Report encontrou na Feira da Informática a situação ideal para mostrar seu alto padrão de qualidade."

Outra empresa do setor a participar da feira foi a IPP — Indústria de Papel Piracicaba, do Grupo Simão, com destaque para seu papel autocopiativo *Extra Copy*. Ocupando um estande de 128m², com quatro microcomputadores que, além de servirem para cadastrar clientes no local, demonstraram os pontos altos do produto, fornecendo informações impressas sobre a evolução das ações do grupo ou a relação dos pontos de vendas da empresa.

CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, EM OLINDA.

“**U**sos múltiplos da floresta: uma necessidade” Este é o tema central do Congresso Florestal Brasileiro, a ser realizado de 23 a 28 de novembro, no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda. Os objetivos do evento, segundo seus organizadores, são: Promover o diagnóstico da situação do setor florestal brasileiro, levando em conta

seus aspectos técnicos, conservacionistas, econômicos e sociais; Reforçar o conceito de utilização racional, considerando a simultaneidade dos usos diretos e do usufruto dos benefícios indiretos, tanto das florestas nativas como dos florestamentos e reflorestamentos; Integrar órgãos oficiais, entidades e empresas privadas, visando sua ação conjunta na defesa

dos interesses do setor, sem descuidar do exame e da atualização da legislação florestal pertinente; Proporcionar a troca de experiência entre os profissionais do ramo, fornecendo-lhes, também, informações tecnológicas que se estendam desde as fases preliminares da atividade florestal até os estágios finais do processamento e da utilização das madeiras.

Uma empresa que age desta maneira só pode produzir boas ações

O Conglomerado Ripasa sabe que sem papel não existe desenvolvimento. E que sem celulose não há papel.

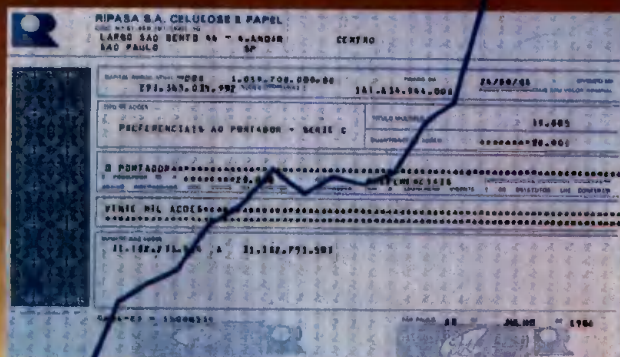
O Conglomerado Ripasa tem participado do desenvolvimento do País produzindo 210.000 toneladas de celulose por ano.

Uma celulose utilizada para produzir mais de 100 tipos de papéis e cartões para todas as finalidades. Papéis para imprimir e escrever; cartões para embalagens; papéis especiais.

Tanto para o mercado interno quanto para o mercado externo. E aumenta cada vez mais sua participação nas exportações brasileiras.

O Conglomerado Ripasa exportou 38 milhões de dólares, em 1985. Cerca de 60 países, entre eles, Estados Unidos, Alemanha, Egito, Austrália e Chile, conhecem e utilizam a qualidade dos papéis e cartões da Ripasa. E o Conglomerado Ripasa, além de ser auto-suficiente em celulose, ainda fornece, em média, 70.000 toneladas do produto, por ano, para o mercado interno.

O Conglomerado Ripasa reúne 6.000 funcionários; cinco unidades fabris que produzem 20.000 toneladas



de papel e cartão por mês; um parque florestal com oito fazendas reunindo 46.000 hectares de área para reflorestamento e uma previsão de utilização de mais 14.000 hectares; e uma unidade de produção de celulose.

O Conglomerado Ripasa está plenamente capacitado a atender a convocação do Ministério da Indústria e Comércio, que incluiu o Setor de Papel e Celulose como prioritário na proposta para uma Nova Política para a Indústria Nacional.

Paralelamente, ao lado de todo trabalho voltado para o aumento da produção de papel e celulose, o Conglomerado Ripasa está investindo 23 milhões de dólares na aquisição de equipamentos destinados à avaliação, prevenção e controle da poluição.

O Conglomerado Ripasa montou uma das melhores equipes de Proteção Ambiental do Brasil, para compatibilizar o seu crescimento econômico com a defesa do meio ambiente. Para quem age dessa maneira, é mais um motivo de orgulho quando o mercado e a comunidade reconhecem e identificam suas boas ações.



OTIMISMO: A TÔNICA DOS FORNECEDORES

O aquecimento da demanda de bens em geral leva a indústria de papel e celulose a aumentar sua capacidade de produção. Isto criou um clima de confiança entre os produtores de máquinas e equipamentos que investem para enfrentar a situação.

Os empresários do ramo garantem que estão preparados para suprir a demanda de máquinas e equipamentos. Nada deverá faltar.



O setor exporta máquinas como esta para o Canadá e outros países.

Os fornecedores de máquinas e equipamentos para o setor de celulose e papel estão muito otimistas. E não é para menos: com o aquecimento da demanda dos bens de consumo em geral, as indústrias celulósico-papeleiras estão sendo obrigadas a ampliar sua capacidade de produção. Para tanto, já programam investimentos, a curto e médio prazos, que chegarão quase à casa do três bilhões de dólares. Entretanto, estarão esses fornecedores preparados para suprir essa demanda de máquinas e equipamentos? A revista **Celulose & Papel** ouviu empresários do ramo e constatou que, além de otimistas, muitos deles já ar-

regaçam as mangas e também investem para enfrentar a nova situação.

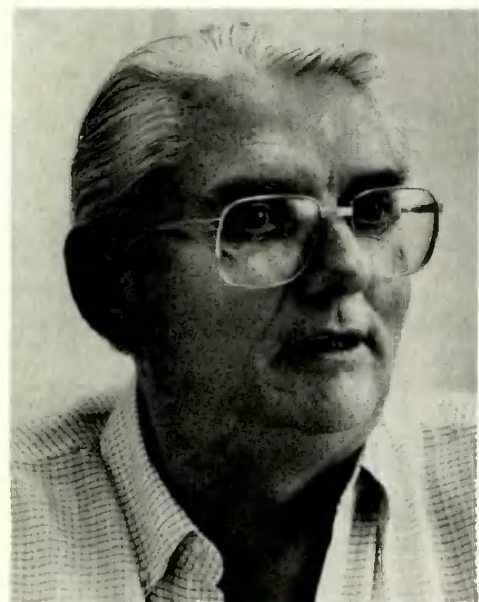
A Kamir do Brasil Técnica de Celulose S.A. previa o crescimento da demanda. Expandiu seu parque industrial, ampliou o quadro de engenheiros e, hoje, vê crescer efetivamente o número das encomendas. A Sunds Detricator Comércio e Indústria Ltda. terá, este ano, o maior faturamento de sua atuação no Brasil. A Elof Hansson do Brasil, em comparação aos primeiros oito meses do ano passado, já sente um aumento de 20% nos pedidos. E até a empresa que projetou e construiu a primeira máquina de papel no País, a Indústria Mecânica Ca-

vallari S.A., contrata novos empregados e espera ocupar em breve dois terços da capacidade produtiva.

Estes fatos refletem a retomada dos investimentos na atividade celulósico-papeleira. As fábricas que produzem máquinas e equipamentos para as indústrias de celulose e papel aguardam ansiosas os US\$2,9 bilhões que o setor investirá na ampliação de 60% da capacidade de produção de celulose (aumentando de 3,4 milhões de toneladas para 5,5 milhões de t) e 20% na de papel (de 4,05 milhões de t para 4,9 milhões de t).

O começo dos investimentos já fez aumentar a produção. Algumas indústrias encontram dificuldade de obtenção de matéria-prima, como ferro gusa e aço inoxidável e com a mão-de-obra especializada, que está difícil. Outras, porém, ainda não saíram do terreno das expectativas. Um exemplo é a Voith S.A. Máquinas e Equipamentos. Segundo seu superintendente para o Brasil, Walter Larisch, empresas de celulose adiaram projetos de modernização para o ano que vem.

A A. Araújo S.A. Engenharia e Montagens, responsável pela instalação de importantes fábricas de celulose e papel, igualmente não "amarrou" nenhum grande projeto. Mas seu diretor vice-presidente, João Yoshioka — assim como executivos das empresas consultadas — assegura que existe mercado para se ampliar a produção. Todos os executivos garantem não haver nenhum obstáculo de capacidade produtiva para atendimento a um volume maior de encomendas. Sendo dispensável, portanto, novos investimentos.



Larisch: para comprar equipamentos o problema é conseguir recursos.

O diretor para a América Latina da Sunds Defibrator, Ricardo Moretzsohn, está tão otimista que chega a contrariar o pensamento geral quanto à capacidade produtiva das fornecedoras de máquinas para celulose e papel. "Até o final do ano pretendemos fazer negócios como nunca fizemos antes" — diz ele. "Penso até em problemas de capacidade de produção para atender, se todo mundo começar a pedir ao mesmo tempo, o que parece que vai acontecer."

A Sunds trabalha desde o digestor, enfardamento de celulose até a parte de manuseio das bobinas de papel. Outra empresa sueca, a Elof Hansson, já tem a certeza de aumentar consideravelmente as vendas de transmissores de consistência, alvura e condutividade, área de controle e de instrumentação. Segundo seu gerente de importação, José Valente França, "haverá um crescimento de vendas de 40% na área de controle de processos".

Quanto a parte relativa às unidades de cozimento contínuo, lavagem, branqueamento, depuração da fibra, corte, empilhamento e enfardamento, pelo menos no que diz respeito a Kamir do Brasil, também crescem as encomendas. O diretor-administrativo da Kamir, Henrique Israel, está contente pelo acerto. "Interpretamos as necessidades do mercado — e ampliamos nossa capacidade" — diz. "Tomamos providências antes porque prevíamos o aumento da demanda. Hoje estamos usando todas as nossas máquinas."

Enquanto a Kamir amplia ainda mais seu quadro de engenheiros, a pioneira em máquinas de papel, a Cavallari, enfrenta dificuldades para reconstruir seu quadro, que já foi de 300 funcionários. Durante a baixa de 1981 a 1984 dispensou técnicos em montagem, como encontra-se trabalhando com 700 t/ano, de uma capacidade de 1.500 t/ano, volta a produzir mais.

Seu diretor, Celso Cavallari, explica que a fábrica "está dimensionada para produzir três máquinas de papel por ano". "Se tivermos uma conjuntura favorável nos próximos cinco anos, espero voltar a trabalhar a pleno como em 81" — diz Cavallari.

Na outra extremidade, pois conta com 4 mil funcionários, a Voith do Brasil não aumentou sua produção por causa do mercado interno. Ocupa 90% de sua capacidade, mas exporta 80%, segundo o superintendente Larisch, porque não existe grandes projetos no momento. Mais uma modernização de mesa plana, modificação de um preparo de massa. "Para nós o mercado na-

cional ainda não aqueceu" — declara Larisch.

A Voith tem condições de fornecer máquinas para a produção de papel de escrever, com largura até 10 metros, cilindros e toda a maquinaria usada na fabricação de celulose, incluindo acabamento do papel. Mas até agora Larisch só tem conhecimento de "projetos que existem há cinco anos, como o da Aracruz, e de dois a três anos, como os da Cenibra e Riocell e que não sei quando se realizarão".

Se houver crescimento do mercado interno, a Voith pode atender perfeitamente a qualquer aumento de demanda. É o caso da General Electric, que atua na área de motores e geradores de médio e grande porte e componentes de máquinas para a fabricação de papel. Segundo seu gerente da área de máquinas, engenheiro Flávio Cabral, "as recentes entregas de motores e componentes para a indústria papeleira feitas pela GE foram para clientes nos Estados Unidos e Canadá".

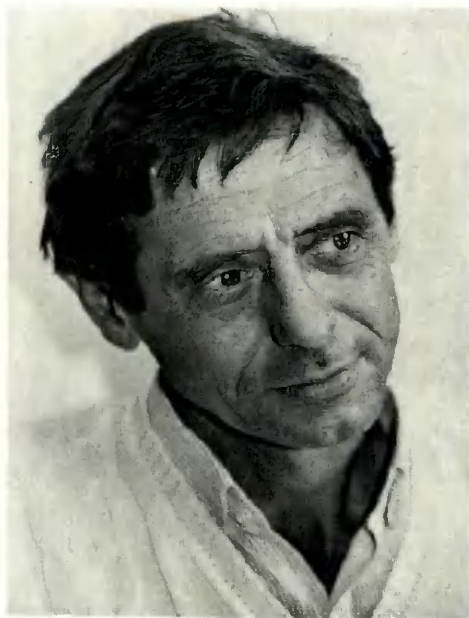


Moretzsohn: negócios como nunca fizemos antes, até o final do ano.

"No momento não há nenhum grande projeto nacional com encomendas colocadas, havendo uma grande expectativa de crescimento de encomendas a curto prazo, para o qual a indústria nacional está capacitada a atender, tanto em tecnologia quanto em volume" — diz Flávio Cabral.

De acordo com a análise do diretor vice-presidente da A. Araújo, João Yoshioka, "existe muita perspectiva e não fatos concretos. No momento, o que se conclui são projetos do final da década de 70. E também porque todas as empresas de celulose têm melhora-

Há entre os empresários do setor, a vontade de recuperar até empresa semi-implantada que está sob o controle do BNDES — Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Discute-se também a utilização de matéria-prima na Celulose da Bahia, que trabalha com sisal. “É o restante — diz Yoshioka — são alguns projetos conhecidos, ainda não totalmente amarrados, da Aracruz e da Cenibra, de duplicar a sua capacidade.”



Cavallari: a situação melhorou. Mas, depois do congelamento, o que virá?

Definindo o mercado como “fantástico”, o superintendente da Voith acredita haver “espaço para novas fábricas”. E Celso Cavallari, analisando pelo lado social, de geração de mais empregos, também julga ser viável novas fábricas. “Mas agora não existe mais subsídio ao dinheiro”, diz Cavallari. “Ampliar uma fábrica tem a vantagem de contar com uma série de recursos estruturais já estabelecidos e fica mais econômico. Acredito que estamos caminhando para esse tipo de solução.”

Yoshioka, da A. Araújo, apresenta outro argumento para estimar um período mínimo de quatro anos para o aumento de 60% da capacidade de produção de celulose no Brasil: o peso do investimento. “Se uma Aracruz re-fizer um projeto dimensionado em US\$650 milhões e for a US\$850 milhões, são US\$200 milhões a mais. Tem que pensar muito, não?”

Por causa das altas cifras envolvidas, Yoshioka não receia a simultaneidade das encomendas. “Não vai ser tudo ao

mesmo tempo. Até o fim do ano pode amarrar uma da Klabin, da Aracruz e da Suzano, daqui a seis meses outro projeto.” É uma maturação lenta da fase de estudos, aprovação do projeto básico, compra de equipamentos, contratação da construção civil até a montagem e partida da fábrica. “Algo que passa dos 30 meses” — diz Yoshioka.

Até o final do ano, na opinião de Ricardo Moretzsohn, da Sunds Defribator, serão acertados reforços na capacidade de produção. “É o primeiro estágio. Todos estão planejando uma forma de aumento da produção. Mas, por enquanto, o pessoal está falando apenas em dezenas de milhões de dólares. O segundo estágio se dará a partir de 1987, quando começarem os pedidos fortes, em linguagem de centenas de milhões de dólares”.

Uma máquina de papel chega a custar mais de US\$20 milhões, dependendo da sua sofisticação. Equipamentos para celulose igualmente são dispendiosos “por isso o problema é conseguir recursos. Uma nova fábrica para mil toneladas exige muito capital, uns US\$600 milhões — alerta Walter Larisch e nenhuma empresa teria condições de conseguir com recursos próprios”.

Boa garantia de retorno

No entendimento dos executivos e empresários que fabricam equipamentos para o setor celulósico-papeleiro, existem garantias mínimas de retorno do investimento. Moretzsohn, da Sunds, chega a dizer que “que só dois países podem aumentar consideravelmente a produção de celulose: os Estados Unidos e o Brasil, onde os custos são mais baixos. Portanto — conclui — projetos no Brasil são viáveis. E se são viáveis vão aparecer investidores”.

Posição semelhante é de Henrique Israel, da Kamir do Brasil. Israel diz que o mercado brasileiro absorve novas fábricas e a exportação também pode ser ampliada. José França, da Elof Hansson, aponta o desenvolvimento do eucalipto no Brasil, mais rápido, como outra garantia. “Uma área aqui para suprir uma fábrica de celulose, se fosse nos Estados Unidos precisaria ser no mínimo 80% maior. Além disso, o Brasil conseguiu desenvolver papéis de altíssima qualidade com eucalipto, coisa em que, no exterior não se acreditava muito.”



França: se houver mais segurança, o Brasil pode até dobrar a produção.

O eucalipto é igualmente citado por Larisch, da Voith. Segundo ele, “até Portugal está plantando, o Norte da África e o Sul dos Estados Unidos estão aumentando a área plantada porque hoje o papel de imprimir à base de eucalipto não tem melhor na Europa. Por isso, por causa do clima, do ciclo curto, qualidade e preço, vai ser fácil concorrer no mercado internacional” — conclui.

A única incerteza levantada por alguns diz respeito às regras do jogo após o fim do congelamento estabelecido pelo Plano Cruzado. “Agora vivemos com inflação baixa” — diz Celso Cavallari. “Mesmo que se trabalhasse com o valor dolarizado, ficava difícil nos negócios a questão do pagamento futuro. Agora, melhorou, mas e depois do congelamento, o que virá?”

“Não se sabe como evoluirão os custos após o descongelamento” — questiona Moretzsohn, da Sunds Defribator. “Na verdade, alguns custos aumentaram e a tendência é aumentar mais. Não se pode repassar para os preços e ficamos numa situação de não saber o que fazer.”

Na opinião de José França, da Elof Hansson, “existe o temor de novos pacotes e repacotes”. Segundo ele, no mercado interno falta celulose. O empresário pode recear que se crie lei no sentido de forçar a celulose a ficar aqui onde o preço é menor. Precisa haver mais segurança sobre o que fazer. Se houver a certeza, o Brasil pode até dobrar sua produção, que mercado não faltará” — finaliza.

Símbolo de Avançada Tecnologia



Os diferentes tipos de papel CHAM-EX, cada qual destinado à seu processo e uso específicos, constituem a expressão da mais avançada tecnologia industrial dirigida

aos consumidores de papel cortado. As referências 100-200-300-400-500 e 600 identificam a nossa linha CHAM-EX e uma delas, certamente, será a mais adequada para a rea-

lização de seus serviços. Para manter de ponta a ponta o alto padrão de qualidade e atendimento, dirija-se aos nossos Distribuidores Autorizados.

Champion Papel e Celulose Ltda.

SUA FRONTEIRA É A IMAGINAÇÃO

O gosto pelo mar, pelo espaço e por tudo o que representa desafio, faz de John Warren um homem que detesta tudo o que impõe limites

Ele faz a gente se lembrar de um personagem saído de “O Velho e o Mar”, de Hemingway. A barba branca e farta, a estatura imponente, o gosto pelo mar, pelo ar e por tudo que não tem limites. “O limite do sucesso de um homem é sua imaginação” — filosofa ele. Na vida está há 62 anos e já fez de tudo: estudou na Inglaterra, fez curso na Marinha americana, foi comandante da Vasp, quase foi piloto da RAF e, por mero acaso, entrou no ramo de papel, no qual está desde 1957, tendo participado da implantação e de todos os avanços da indústria brasileira de celulose e papel.

Ele é John Warren, diretor da Champion Papel e Celulose Ltda. Uma pessoa com que se pode discutir todos os temas, apesar de seu assunto predileto ser papel. Mas ele se entusiasma também quando o assunto é política, economia, questões sociais, o papel da Igreja ou os jovens de hoje.

Em política pensa que o País precisa dispensar a “colaboração” de corruptos; na economia, acredita, com todas as suas forças, no futuro do Brasil; sobre temas sociais, acha que greve é uma “atitude impatriótica”, que só atrasa o desenvolvimento do País e que a Igreja não devia “se meter” tanto em política. Já em relação aos jovens, sua frustração é não entendê-los nem conseguir comunicar-se com eles: “Tenho um filho de 18 anos que só pensa em carros, motocicletas e não entende nenhuma nota musical emitida abaixo de 110 decibéis”.

Warren está-se aposentando como diretor da Champion. “Aposentar-se é uma atitude extremamente excitante” — define ele, que agora terá mais tempo para



O lazer no fim de semana, em seu barco

desfrutar com maior intensidade seu veleiro, a casa que possui há 25 anos em Ilhabela, no litoral paulista, os três filhos e a mulher, com quem está casado há 40 anos. Mas não pretende parar totalmente. Vai dedicar-se ao trabalho de consultoria, prestando serviços na área de exportação e acredita que não faltarão empresas interessadas em aproveitar sua experiência de 30 anos no setor.

Sua entrada no ramo de papel e celulose foi mera coincidência. Ele mesmo confessa que, em 1957, quando a Champion o convidou para ajudar na implantação da primeira fábrica de celulose para o mercado no Brasil, nada conhecia sobre o assunto. “Fui estudar, pesquisar para aprender, para descobrir o que era aquele mundo tão desconhecido para

Um velho marinheiro com quem se pode discutir sobre todos os assuntos. Mas que prefere sempre falar sobre papel.



para recuperar forças.

mim." E passou diversos anos nos Estados Unidos, Europa e Canadá pesquisando os melhores equipamentos e as técnicas de produção para a instalação da fábrica em Mogi Guaçu.

Da mesma forma foi Warren quem também escolheu e comprou o terreno de 250 alqueires para as instalações da Champion. Este brasileiro, filho de mãe inglesa e pai irlandês, nasceu na década de 20 e que aos cinco anos foi estudar na Inglaterra de onde só voltou aos 16, também estava presente quando, em janeiro de 1960, pela primeira vez no Brasil se produzia celulose a base exclusivamente de eucalipto.

Ele se orgulha também de poder contar que comprou para a empresa muitas fazendas localizadas ao longo da antiga

Estrada de Ferro Paulista. Essas fazendas eram as principais fornecedoras de madeira que alimentavam as antigas locomotivas que rodavam pelo interior paulista buscando café para levar até o porto de Santos. Com o óleo combustível e a introdução da energia elétrica elas deixaram de lado as toras de eucalipto, espécie que entrou no Brasil pelas mãos do silvicultor Armando Navarro, trazidas da Austrália.

Assim a Champion passou a utilizar o eucalipto cada vez com maior frequência, o que se traduziu em aumento da produção. Por volta de 1961/62 a produção superou as expectativas da empresa e decidiu-se então pela busca de mercados fora do Brasil. Warren, a essa altura já familiarizado com o setor, pois estava


atuando na área há mais de cinco anos, mais uma vez acompanhou de perto as primeiras experiências da Champion e do Brasil na exportação de celulose. Foi ele quem fez várias viagens à Argentina e a outros países da América Latina como verdadeiro mascote da celulose brasileira. Hoje se orgulha de o Brasil ser um grande exportador de papel.

Mesmo com as exportações, que chegaram a 30% da produção da Champion em 1962, o excedente da produção dela é grande e, em 1964 a empresa decidiu-se pela fabricação de papel. Outra vez Warren se envolveu e foi ele, ao lado de técnicos e diretores de outras empresas brasileiras, quem buscou formas de aperfeiçoar as pesquisas para a utilização do eucalipto na produção de papel.

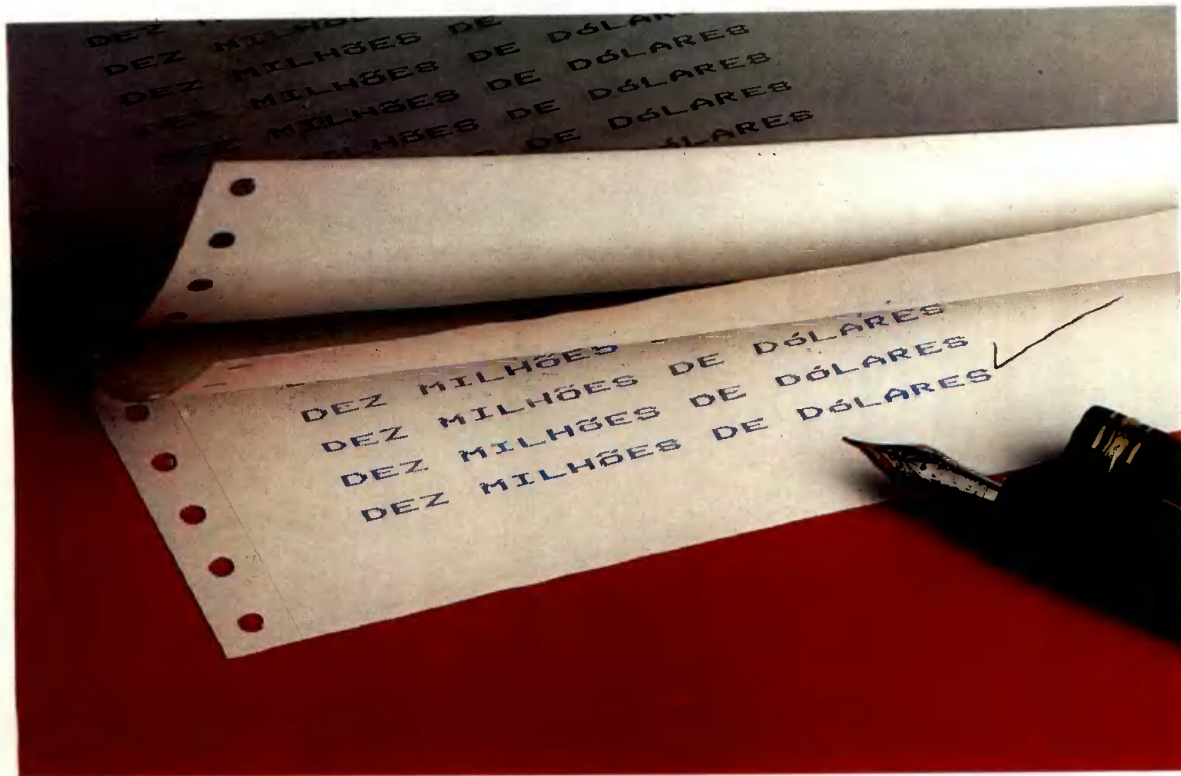
Hoje, passados mais de 20 anos, Warren olha para trás e sente-se feliz por ter contribuído para o desenvolvimento da indústria brasileira de papel e celulose. "Realmente sinto-me recompensado por ter acompanhado todos os processos pelos quais passou a indústria brasileira. Uma indústria que hoje consegue colocar um produto reconhecidamente de ótima qualidade e de excelente preço em 36 países, inclusive na Austrália, de onde veio o eucalipto. Por este motivo é que sempre digo que não há limites quando se usa a imaginação."

Talvez seja por isso que ele se sintia tão bem quando está ou no ar, ou no mar. A ausência de limites que sempre o acompanhou, desde os 16 anos, quando voltou da Inglaterra, sem saber falar uma única palavra de português e foi passar por um exame de qualificação para entrar na Força Aérea Brasileira e fazer um curso no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro.

Foi igualmente essa aguçada imaginação que orientou sua decisão de, quando voltou de um curso de dois anos na Marinha americana, passar por uma experiência como comandante da Vasp e, mais tarde abrir, juntamente com dois sócios — um deles o atual ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer — uma empresa de aerofotogrametria.

Warren credita grande parte deste sucesso à escolha "involuntária" dos empreendimentos, à sua formação britânica. "O inglês é muito consciencioso, ao mesmo tempo em que tem uma disciplina rigorosa. Talvez seja isso que me tenha ajudado na vida." 

SABE QUANTO CUSTA UM FORMULÁRIO EM EXTRA COPY?



Dez milhões de dólares
Parece muito dinheiro. E é mesmo.

Foi quanto o Grupo Simão investiu na tecnologia de produção de papel autocopiativo. Em equipamentos, treinamento de pessoal no exterior, materiais, testes, etc.

Mas valeu a pena. Hoje, no Brasil, o papel autocopiativo Extra Copy apresenta um padrão de qualidade que se equipara aos melhores do mundo e já está sendo exportado para vários países da Europa e Estados Unidos.

Agora, com Extra Copy,

você pode tirar o carbono da vida da sua Empresa. Seus relatórios vão sair da impressora em quantas vias forem necessárias.

Com menor volume, sem sujeira, sem quebra de sigilo e com perfeita copiabilidade.

Tudo muito mais rápido e prático. E sem carbono.

Utilize uma das melhores tecnologias em papel autocopiativo do mundo, sem gastar 10 milhões de dólares.

O Grupo Simão já fez isso por você.



**INDÚSTRIA DE PAPEL
PIRACICABA S.A.**
Grupo Simão

SINDICATO GAÚCHO TEM NOVA DIRETORIA



A posse, com presença de autoridades.

Os empresários gaúchos do setor de papel, papelão e cortiça elegeram a nova diretoria de seu sindicato. Os dirigentes recém-empossados do Sindicato das Indústrias de Papel, Papelão e Cortiça do Estado do Rio Grande do Sul são os seguintes: *presidente* — Luís Fernando Gomes Franco; *secretário* — Paulo Olívio Knackfuss; *tesoureiro* — Francisco José Justo; *suplentes* — Jair Elegar Schneider, Arno Néilson Sabin e Valdir Gulinelli Paladino; *conselho*

fiscal — Fernando Geisel, João Luiz Santos, Luís Fernando Côrrea da Silva (efetivos), Walter Rudi Christmann, Humberto Moschetti Filho e Néilson Cavinato (suplentes); *delegados representantes junto à Fiergs — Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul* — Luís Fernando Gomes Franco, Francisco José Justo (efetivos), Paulo Olívio Knackfuss e Antônio Cláudio Studzinski (suplentes).

RIECKEN CONDECORADO COM O MÉRITO MILITAR

O empresário Gottfried Kurd Riecken foi condecorado com a Ordem do Mérito Militar, no grau de Cavaleiro. Kurd Riecken, que é diretor da Indústria de Papel Piracicaba S.A. — empresa do Grupo Simão —, primeiro-secretário da ANFPC, conselheiro da APFPC e segundo-secretário do Sindicato da Indústria do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulo, recebeu a insígnia em solenidade realizada no dia 25 de agosto, em Brasília.

Pernambucano radicado em São Paulo, Kurd Riecken, de 59 anos, recebeu a distinção que é concedida a militares e civis que se destacam por suas



Riecken recebe a honraria

atividades e por relevantes serviços prestados ao Exército.

ANAVE: FABIANO PIRES PRESIDE O CONSELHO.

Alberto Fabiano Pires, diretor-financeiro e de relações com o mercado das Indústrias de Papel Simão S.A., foi eleito presidente do Conselho Deliberativo da Anave — Associação Nacional dos Homens de Venda em Celulose, Papel e Derivados, para o período 1986/89. Engenheiro civil e econômico formado pela Escola Nacional de Engenharia da antiga Universidade do Brasil, Fabiano Pires vinha desempenhando cargo de conselheiro da Anave.

A vice-presidência do Conselho Deliberativo da Anave foi assumida por José Carlos Francez, enquanto a Diretoria Executiva passou a ser ocupada por Neuvir Colombo Martini (diretor da Ipanema Produtos de Papel Ltda.) tendo como vices-presidentes Agenor Gonzaga César, Antenor Geraldo e Caetano Labbate.

ISO TEM NOVO SECRETÁRIO: LAWRENCE EICHER

Lawrence D. Eicher é o novo secretário-geral da ISO — International Organization for Standardization. Eicher, de 47 anos, substitui Olle Sturen, que ocupava o cargo desde 1968. O novo secretário-geral que foi apontado para o cargo pelo Conselho da ISO, convive com assuntos de normalização desde o início de sua carreira, trabalhou, inclusive, junto à NBS — National Bureau of Standards e à Ansi — American National Standards Institute.

Também a Copant — Comissão Pan-americana de Normas Técnicas, tem novo presidente: o engenheiro Manuel Diaz Portocarrero. O engenheiro, que dedicou 15 anos de sua vida profissional ao Movimento de Normalização e Certificação de Qualidade, na Venezuela, atuava como vice-presidente da Copant e coordenador regional do ISO para a América Latina desde 1981. Atualmente Portocarrero trabalha no Condibieca - Conselho de Bens de Capital.

CRESCIMENTO DO SETOR EM 1985 FOI DE 9%

O "Relatório Estatístico 1985", distribuído pela ANFPC, mostra que a produção de papel aumentou 7,5% e a de celulose 1,2% no ano passado. Também o consumo de papel, em relação a 1984, cresceu 12%.

Acompanhando o bom desempenho apresentado no ano passado pelo setor industrial como um todo, que registrou expansão de 9%, a produção brasileira de papel cresceu 7,5%, saltando das 3 milhões e 642 mil toneladas produzidas em 1984 para 4 milhões e 21 mil toneladas no ano passado. No mesmo período, o segmento de celulose chegou a produzir 3 milhões e 403 mil toneladas, com um pequeno acréscimo de 1,2%. O consumo nacional, que foi da ordem de 3.599 mil toneladas, também cresceu, chegando a taxa de 12% em relação ao consumo do ano anterior.

Os números fazem parte do "Relatório Estatístico 1985", que está sendo distribuído pela ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose e foi elaborado por técnicos e estatísticos do GT-6, que cuida de Planejamento, Normas e Estatísticas da entidade, Grupo de Trabalho coordenado por Marcello L. Pilar. Ao todo são quase 200 páginas com dados sócio-econômicos, estatísticas, quadros e gráficos pormenorizando a produção de todos os tipos de papéis e pastas, além de dados sobre o faturamento do setor, vendas externas e projetos de ampliação da capacidade produtiva.

A pesquisa é feita anualmente desde 1962, e as informações para a elaboração desta que está sendo lançada foram obtidas junto aos fabricantes de papel e celulose de 16 Estados e envolveu 151 fábricas de papel, 38 de celulose e 44 de pastas mecânicas que representam, aproximadamente, 95% do universo do setor.

O relatório demonstra, por exemplo, que as exportações de celulose e papel, durante o ano de 1985, foram pressionadas pelo crescimento da demanda interna reprimida durante três anos de re-

cessão e também pelos preços deprimidos da celulose no mercado doméstico. As vendas externas de papel, no período, atingiram 543 mil toneladas e as de celulose 925 mil toneladas, totalizando uma receita de 541 milhões e 700 mil dólares.

O anuário da ANFPC revela números que possibilitam também uma análise do último decênio. De 1975 a 1985 a produção nacional de papel vem mantendo uma evolução das mais vigorosas, com uma média anualizada de 9%. Com exceção dos anos de 1975, quando a produção caiu 8,9% e de 1981, o mais agudo do período recessivo, que provocou uma queda de 7,7% na produção papelreira nacional, os demais anos desta década foram todos positivos.

Já na análise da produção de celulose dos últimos dez anos, nota-se que, apesar da taxa de crescimento anual ter sido superior à média anualizada da produção brasileira de papel, chegando a 11%, o crescimento do ano passado ficou muito abaixo da média que vinha sendo mantida. Em 1985 a produção nacional de celulose só cresceu 1,16% em relação a 1984. Nota-se ainda que, a exemplo da queda registrada na produção de papel em 1981, também a celulose se ressentiu da recessão, apresentando queda de 2,6% na produção física daquele ano.

De acordo com o presidente da ANFPC, Horácio Cherkassky, o comportamento menos brilhante da produção de celulose em 1985 deve-se à ausência de investimentos no setor que, por sua vez, é decorrente do desestímulo causado pelo baixo preço pago ao produto no mercado interno. Cherkassky recorda que o segmento de celulose desde o final de 1984 vem operando a plena carga e que o segmento

A elaboração do Relatório esteve a cargo de técnicos e estatísticos do GT-6, que cuida de Planejamento, Normas e Estatísticas e é coordenado por Marcello L. Pilar.



Relatório: os números do setor.

papeleiro, com a implantação do Plano Cruzado e o aumento do consumo de papel, também atingiu o máximo de sua capacidade produtiva.

No que se refere ao aumento da capacidade instalada da produção tanto de papel quanto de celulose, o relatório anual da ANFPC demonstra que, se forem colocados em prática todos os projetos aprovados e as intenções de investimentos das indústrias, a produção nominal instalada de papel, que em 1985 era de 14.835 toneladas/dia, pasará para 19.033 toneladas/dia no final

de 1993. Da mesma forma que a capacidade nominal instalada para produção de celulose passará das 10.890 toneladas diárias conseguidas em 1985 para 18.117 toneladas/dia, também no final de 1993.

Outro tópico destacado pela pesquisa da entidade que congrega as indústrias de celulose e papel é o dos reflorestamentos realizados em 1985. Os números levantados pelo relatório junto às empresas indicam que, no ano passado, 77.537 hectares de terras foram reflorestados. Desse total, 38.021 hectares foram plantados com recursos das próprias indústrias e 39.516 hectares com o auxílio de incentivos fiscais. Com o reflorestamento realizado no ano passado, o setor totaliza 936.149 hectares reflorestados desde o início da década de 60.

Por fim, o anuário da ANFPC constata que, quanto à substituição de combustíveis derivados de petróleo por alternativos energéticos nacionais, o setor avançou muito na década terminada no ano passado. A participação de derivados de petróleo na produção de celulose e papel caiu de 78,7% em 1979 para apenas 20% em 1985. Neste último ano, a composição do consumo energético completou-se com 66,1% de biomassa florestal, 7,6% de carvão mineral, 4% de energia elétrica e 2,3% de outros energéticos.

formações de seu interesse sobre suas atividades, assim como a movimentação de seus executivos e técnicos. As informações devem ser enviadas à redação, de **Celulose & Papel** — Unipress Editorial — Av. Paulista, 2.006, 11º andar, conj. 1.103 a 1.109, CEP 01310, São Paulo — SP, ou para a coordenadoria do GT-2.

GT-3 Responsável pelas articulações com órgãos direta e indiretamente ligados ao Governo, o GT-3 tem trabalhado no sentido de abrir caminhos para o tratamento de questões ligadas a outros GTs. Com a implantação do Plano de Estabilização Econômica do Governo, esse GT teve suas atividades aumentadas em muito. Atualmente, tem dado destaque aos problemas de abastecimento de celulose, deflator nos preços de venda.

GT-4 O grupo efetuou nos últimos cinco meses inúmeras reuniões, algumas delas com a Associação Nacional dos Aparistas de Papel, para tentar resolver os problemas surgidos com o advento do Plano Cruzado: aumento das matérias-primas enquanto que os preços dos produtos finais permanecem congelados. Após diversas viagens à Brasília e ao Rio de Janeiro, para contatos com a Seap, CIP, CPA e Cacex, o grupo conseguiu isenção da alíquota de importação e IOF. Promoveu ainda a importação de 15 mil toneladas de aparas, que foi a quantidade liberada pelo CPA para tentativa de regularização de mercado.

GT-5 Em reunião ocorrida em agosto, o grupo discutiu o interesse dos usineiros em comprarem sacos de papel. Além disto, aproximadamente 20 empresas produtoras de papel-miolo estarão importando 10 mil toneladas de aparas da Alemanha e dos Estados Unidos pelo regime especial de isenção de alíquota, a fim de melhor abastecer o mercado de caixas de papelão, em franca recuperação, tendo quebrado em julho todos os recordes de faturamento: 90 mil toneladas, aproximadamente.

GT-7 A reunião de agosto teve, em seu início, uma entrevista com o presidente do IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, o qual afirmou que Brasília estava informando às Delegacias Estaduais que a Lei nº 7.511 se refere somente a florestas nativas e não implan-

AQUI, A AÇÃO DOS DEMAIS GTs

GT-1 Com referência à normalização internacional, o grupo recebeu carta da ABNT — Associação Brasileira de Normas Técnicas — com três normas ISO que, após apreciação, foram aprovadas com sugestões: no caso da ISO TC 6 N 657 DP 4094, que a ABNT procure indicar os nomes dos laboratórios nacionais capazes de cumprir as exigências contidas na norma; quanto à ISO TC 6 N 658 DN 5631, alertou-se para as diferentes definições para o fator de refletância *R* (ver 5631 e 9416); finalmente, em relação à ISO TC 6 N 659 DP 9416, alertou-se para as diferentes definições para o fator de refletância *R* (ver 5631 e 9416), sugeriu-se que fosse mencionada a presença do *Gloss Trap* no equipamento Elrepho (uma vez que o mesmo tem influência nas medidas de propriedades óticas do papel), sugeriu-se alterar no item 3.11 ... *of diffuse reflectance* e melhorar a apresentação da fórmula no item 7. Baseada neste parecer será efetuada a instrução de voto em

nome do Brasil. Além disto, quanto à ISO/TC 6SC 2 N 1000, está sendo feito o levantamento das normas já apreciadas pelo grupo para ser informado ao Departamento de Normalização Internacional da ABNT, já que provavelmente não irá qualquer representante brasileiro à reunião em Manchester, Inglaterra.

GT-2 Sob a coordenação de Sandra Maria Pegorelli, o GT-2 vem desenvolvendo atividade constante, com a preocupação de manter um fluxo contínuo de informações. Em suas últimas reuniões a prioridade tem sido os assuntos relacionados à revista **Celulose & Papel**, agora em nova fase editorial, e à retomada de edição e circulação do **Boletim Informativo**. Quanto à revista há a preocupação de melhorar e enriquecer suas seções permanentes, como *Noticiário*, *Eventos e Gente*. Estas seções estão à disposição das empresas do setor, para veicular in-

A tividatades dos Grupos de Trabalho da ANFPC são decisivas para o bom desempenho das empresas celulósico-papeleiras.

tadas; que, com relação às cartas-consulta, o processo de análise estava concluído e os ministros da Fazenda e Seplan já haviam aprovado o programa florestal para 1986, aguardando-se apenas a aprovação do presidente da República, enquanto que não existiam expectativas de alterações quanto aos projetos de reflorestamento para este ano; que assumia com as associações de classe o compromisso de colher seus comentários, críticas e sugestões antes da promulgação da nova Portaria sobre Reposição Florestal; e que o IBDF deverá ter uma ação mais firme junto ao Inera na defesa das áreas florestais e das áreas (recém-adquiridas) destinadas ao plantio de novas florestas. O coordenador do grupo, Luís Gonzaga Murat Jr., relatou a seguir os problemas de empresas associadas com relação a desdobramentos do Plano de Reforma Agrária, comunicando que iria manter encontros com o presidente do Inera e o ministro da Reforma Agrária para discutir a política que o Governo pretende seguir quanto às florestas e áreas reservadas a florestas. Abordou-se então reunião mantida com o secretário de Transportes de São Paulo, redundando na assinatura de um acordo para aumento dos preços das tarifas de transporte de madeira, o que possibilitou o sucesso das negociações mantidas com transportadores para a redução do excesso de peso dos caminhões; o secretário comunicou que o Governo estadual irá intensificar o controle do excesso de peso e espera que as empresas do setor atuem para sua redução. Finalmente, a mesa foi inteirada da ação que a Secretária do Trabalho vem desenvolvendo na região de Angatuba para apurar denúncias sobre trabalho escravo nas empresas florestais da região, tendo a ANFPC sido convidada para discutir o assunto com aquela secretaria.

GT-8 Sua atividade de maior importância, no momento, é a diagnose ambiental do setor, que está em fase de tabulação, manipulação, análise e interpretação dos dados obtidos através do questionário "Levantamento Ambiental", desenvolvido e dirigido às unidades fabris integradas ou não, produtoras de celulose e pasta em geral; em breve, também por meio de questionário, serão atingidas as indústrias produtoras de papel não-inte-

gradadas. O grupo está ainda desenvolvendo participação contínua junto aos grupos estabelecidos pelo Departamento de Meio Ambiente e Uso do Solo (DMA/Fiesp), na revisão da legislação ambiental de caráter metropolitano, estadual e federal. Finalmente, efetua coleta de informações e bibliografia referentes a legislações, normas e padrões ambientais, endereços de instituições oficiais, métodos de amostragem e análise, características físico-químicas de poluentes específicos e técnicas de controle ambiental, visando a futura formação de arquivos específicos.

GT-9 Quanto a relações trabalhistas, o grupo vem desenvolvendo o acompanhamento de assuntos sindicais e bases econômicas, a fim de fornecer suporte para as negociações sindicais. A legislação previdenciária e trabalhista também é objeto de acompanhamento, interpretação e análise. Em termos de enquadramento sindical, o trabalho é voltado basicamente para a área rural. Efetuam-se ainda pesquisas salariais para acompanhamento dos salários de mercado dentro da categoria (inclusive rural) e pesquisas de benefícios, a fim de proporcionar orientação às diretorias.

GT-10 Tem como finalidade principal o intercâmbio de informações cadastrais sobre clientes do ramo papeleiro em geral. Nas reuniões são efetuadas trocas de listagens de clientes negativos de cada empresa, comentando-se então estes casos. São efetuadas também consultas sobre novos clientes, tudo isso com a finalidade de orientar os encarregados do setor de crédito, no sentido de evitar que sejam efetuadas vendas mal-sucedidas.

GT-11 O grupo realizou palestra e debates com José Carlos de Brito, gerente da Cacex em São Paulo, sobre assuntos de interesse da categoria no campo do comércio exterior. Formou também dois *pools* de empresas do setor de celulose para negociações conjuntas e importações de sulfato de sódio-anidro e de soda cáustica líquida, respectivamente, usufruindo das vantagens comerciais de um maior volume de compra. Finalmente, uma delegação do grupo efetuou visita ao Projeto Jari, para tratar

da situação do abastecimento de caulim coloidal para o setor papelero.

GT-12 Como o setor de papéis absorventes está com a rentabilidade comprometida em decorrência do Plano Cruzado e da defasagem de dois pleitos de reajuste de preços pelo CIP, o trabalho do grupo tem-se concentrado em medidas visando a racionalização da produção e aumento da eficácia.

GT-13 O grupo se empenhou na organização da entrega da primeira parte do gerenciamento da conta de energia elétrica do Manual de Conservação de Energia Elétrica na Indústria Brasileira de Celulose e Papel, que se deu no último dia 10 de setembro. Remeteu também aos associados o relatório do "Estado de Produtividade de Utilidades/Celulose e Papel e Matriz Energética em 1985 e Primeiro Semestre 1986". Participou ainda do seminário sobre as "Perspectivas de Médio e Longo Prazo dos Principais Setores da Economia Brasileira", promovido pela Eletrobrás. E preparou o trabalho "O Programa de Energia da Indústria Brasileira de Celulose e Papel — Enfoques Energéticos" para o seminário "Perspectivas Energéticas Anos 90", patrocinado pela Agência para Aplicação de Energia da Cesp.

GT-14 Entre as atividades recentemente desenvolvidas pelo grupo, estão o intercâmbio de conhecimentos entre seus próprios membros, objetivando aproveitar a experiência pessoal de cada um para chegar à solução de problemas; o estudo de questões decorrentes de legislação nova, no sentido de uma posição uniforme do segmento industrial; o exame e estudo de questões fiscais e tributárias, visando a obtenção de soluções mais favoráveis para as empresas; a divulgação dos estudos individuais de cada membro, para conhecimento e utilização de todo o grupo; o estudo de questões tributárias originadas de fiscalizações, de forma a fornecer à empresa fiscalizada as melhores condições de defesa; os estudos e trabalhos no sentido de colher a manifestação de autoridades da administração tributária sobre problemas correntes, a níveis federais, estaduais e municipais; e as gestões junto a autoridades da administração tributária para a obtenção de pareceres favoráveis à propositura ou solução de pleitos de interesses do segmento industrial.

GT-15 No momento, o grupo, encarregado de *marketing* por setor de atividades, desenvolve dois importantes trabalhos: o primeiro, interno (entre os fabricantes), diz respeito a planejamento e pesquisas e levantamentos estatísticos; o segundo, trata do inter-relacionamento com associações de convertedores e consumidores — Abrigaf, Abraform, distribuidores etc. —, através de campanhas cooperativas e atividades conjuntas. Com a implantação do Plano Cruzado, os trabalhos, que vinham sendo desenvolvidos entre as associações tiveram seu ritmo diminuído, como consequência da expectativa em relação aos novos rumos da economia e dos novos mercados. No segundo semestre deste ano, com os caminhos definidos, os trabalhos estão sendo retomados com redobrado empenho.

GT-16 A Subcoordenadoria de **Fretes e Transportes** comunica a obtenção da concessão, por parte da Companhia Docas do Estado de São Paulo, de um armazém de faixa primária (NR.32), prioritário para armazenagem, manuseio e embarque dos produtos; a redução do frete marítimo, obtida junto à Conferência de Fretes Brasil/Far East/Brasil; e a elaboração de trabalho sobre as perspectivas de exportação de papel, cartão e cartolina no próximo quadriênio, para apresentação ao Ministério dos Transportes (Geipot), visando a participação do setor no projeto "Interland de Portos Prioritários para o Comércio Exterior Carga Geral Porto de Santos — SP". A Subcoordenadoria **Comercial** destaca o constante intercâmbio de informações comerciais a nível de grandes e pequenos produtores/exportadores, objetivando melhores condições de comercialização dos produtos; a participação em encontros internacionais como Cicepla e Colatingraf; as reuniões e/ou gestões mantidas junto à Fiesp, CNI, CPA, Ministérios da Fazenda e das Relações Exteriores, para dinamização e implementação de acordos bi e multilaterais no âmbito da Aladi; a defesa do setor exportador brasileiro contra barreiras protecionistas erigidas na América Latina; e as gestões no âmbito da Aladi para dinamizar o intercâmbio entre países da área. Finalmente, a Subcoordenadoria **Financeira** tem-se encarregado da manutenção de constante intercâmbio de informações entre os associados, visando oferecer melhores condições, instrumentos e subsídios para a comercialização dos produtos brasileiros no ex-

terior, o que implica também permanente contato com órgãos governamentais, Cacex, Bacen, etc.

GT-17 O grupo vem realizando a tradução de títulos de artigos recebidos do exterior para cadastramento em banco de dados da biblioteca (cem publicações já estão cadastradas, resultado do programa de contatos desenvolvido pelo grupo em 1985, com 34 entidades sediadas em 21 países).

GT-18 O grupo concluiu o estudo sobre o "Planejamento Estratégico em Pastas de Alto Rendimento", para veiculação aos associados; deu continuidade aos estudos de otimização em teor de umidade e cinzas dos papéis brasileiros e perdas de fibras pelos efluentes; fez o levantamento de todas as operações industriais que utilizam bagaço de cana e bambu e realizou um levantamento geral de trabalhos publicados no Brasil sobre celulose e papel de bagaço e bambu.

GT-19 Em reunião realizada em meados de junho, definiu quatro temas permanentes de trabalho, formando então os respectivos subgrupos:
GT-19/01 — **Biocologia**, coordenado por Benjamin Solitrenick; GT-19/02 — **Informática e Automação de Processos**, grupo misto ABCP/ANFPC; que terá o mesmo coordenador que o grupo técnico da ABCP; GT-19/03 — **Pesquisa e Desenvolvimento**, coordenado por Antanas Stonis e GT-19/04 — **Produtos Químicos e Auxiliares**, cujo coordenador será ainda definido.

GT-20 O grupo procura dinamizar o fluxo de informações entre seus participantes, através de tarefas cooperativas como a emissão (prevista para novembro) do primeiro número revisado e aumentado da Bibliografia Seletiva em Celulose e Papel e do Catálogo Coletivo Nacional, junto ao Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia — Setor Celulose e Papel. O grupo organiza ainda uma mesa-redonda sobre Informação e Documentação, que terá lugar no 19º Congresso da ABCP.

GT-21 O grupo considera que sua grande contribuição tem sido a abertura de portas entre os profissionais, principalmente para referências e aprofundamento de questões técnicas.

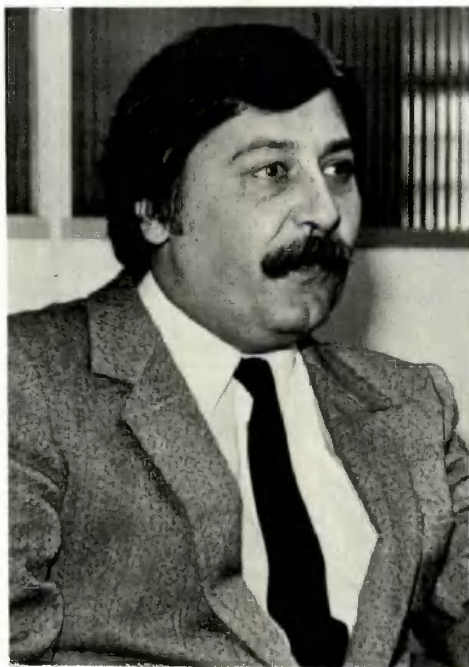
SETOR VAI DISCUTIR AVANÇO TECNOLÓGICO

Aperfeiçoar e desenvolver os novos sistemas de automação e de informatização industrial, bem como aprofundar e propagar de uma forma homogênea entre todas as indústrias do setor de papel e celulose as descobertas, a nível mundial, de novos recursos naturais. Tudo isso através da troca de experiências e informações entre as indústrias sobre o surgimento de novos produtos, de tecnologias avançadas ou de equipamentos mais modernos, sobretudo para beneficiar as empresas com menor acesso a vanguarda tecnológica.

Com este amplo objetivo será realizado entre os dias 24 e 28 de novembro, no Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo, o 19º Congresso Anual de Celulose e Papel, promovido pela ABCP — Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel e que contará com a presença estimada de 1.500 participantes da maioria das empresas nacionais, além de representantes da Índia, Suécia, Espanha, Estados Unidos, Chile e Argentina. O congresso será aberto pelos ministros Renato Archer e José Hugo Castelo Branco, respectivamente da Ciência e Tecnologia e da Indústria e do Comércio.

Paralelamente ao congresso será promovido o I Congresso Brasileiro de Controle de Qualidade, que tem como principal meta conscientizar o setor e a sociedade como um todo, sobre a importância da qualidade e da produtividade no processo industrial. Além dos dois congressos será montada, também no Anhembi, uma exposição que contará com a participação de 48 empresas numa área total de 800 metros quadrados.

Durante os cinco dias do evento acontecerão inúmeras mesas-redondas e debates, nos quais serão apresentados, aproximadamente, 90 trabalhos técnicos e pesquisas sobre o desenvolvimento de novos equipamentos e produtos, realizados por técnicos brasileiros e dos diversos países que participarão do congresso. Segundo o presidente



Campos: a dificuldade foi encaixar todos os interessados.

O 19º Congresso Anual de Celulose e Papel terá como temas principais a automação e a informatização industriais.

da ABCP, Cláudio de Campos, será, exatamente, através destes trabalhos, dos debates e das discussões em grupo que surgirão — como tem acontecido nos 18 congressos realizados anteriormente — as novas idéias e tecnologias que proporcionarão impulso novo ao setor.

Na opinião do presidente da ABCP, o tema que predominará neste 19º Congresso será a questão da automação e também a discussão em torno das formas de adaptar o setor aos avanços da informática. Além disso, Campos acredita que as pesquisas sobre descobertas de novos recursos naturais para a produção de fibras também provocarão discussões positivas e vantajosas.

De acordo com o dirigente da

ABCP, esses constantes debates em torno do aperfeiçoamento tecnológico do setor tem auxiliado enormemente no avanço do Brasil como um país produtor e exportador de celulose e papel, a ponto de hoje já se poder dizer que os equipamentos, máquinas e técnicas utilizadas pelas indústrias brasileiras estão nos mesmos níveis dos existentes em países avançados como, por exemplo, a Suécia.

Para este avanço, que se fez notar em poucos anos, Campos salienta que congressos deste tipo, promovidos pela ABCP e por outras entidades ligadas ao setor, tem contribuído de maneira decisiva. Cláudio de Campos, que já participou de 16 congressos — 11 como organizador, dois como vice-presidente da ABCP e os últimos três como presidente da entidade —, lembra que o número de participantes e expositores no começo era de apenas 10 ou 12 e hoje subiu para 40. “A grande dificuldade deste 19º foi exatamente conseguir encaixar todos os interessados em participar” — acentua.

Campos assinala ainda que a importância do congresso da ABCP cresceu proporcionalmente ao grau de importância que o setor de papel e celulose, como um todo, foi adquirindo ao longo do tempo no conjunto industrial brasileiro. Segundo ele, o segmento ganhou tanta relevância que as lideranças nos últimos tempos começaram a sentir a necessidade de uma maior representatividade, principalmente, junto ao poder Legislativo.

Uma vez constatada a necessidade, o setor como um todo decidiu lançar um nome para defender seus interesses específicos na Assembléia Legislativa do maior e mais importante Estado do País, onde estão concentradas a maior parte das indústrias de celulose e papel. O nome escolhido foi o do próprio Cláudio de Campos, que disputará uma vaga de deputado estadual nas próximas eleições de 15 novembro, pelo PDC — Partido Democrata Cristão, que faz parte da coligação com o PDS e PFL.



PARTICIPE DO GUIA SETORIAL DA REVISTA CELULOSE & PAPEL

A revista CELULOSE & PAPEL está preparando uma edição especial com um GUIA SETORIAL da área celulósico-papeleira, do qual constará a relação dos fornecedores do setor, além das empresas fabricantes de papel e celulose, com seus principais executivos, técnicos e produtos.

Do GUIA SETORIAL constarão, sem qualquer ônus, fornecedores enquadrados nos seguintes segmentos industriais:

**Agroindústria — Automobilístico
Construção pesada — Eletroeletrônico
Madeiras — Máquinas e equipamentos
Material de transporte — Metalurgia e mineração —
Minerais não-metálicos
Plástico e borracha — Química e petroquímica —
Siderurgia e outros**

Para inclusão de sua empresa, solicitamos enviar-nos, com a urgência possível, as seguintes informações:

- a) Nome da empresa
- b) Endereço da sede
- c) Principais executivos/funções
- d) Principais técnicos
- e) Principais produtos
- f) Investimentos programados até 1990.

Envie os dados para:



UNIPRESS EDITORIAL

Av. Paulista, 2.006 - 11º andar - Conjs. 1.103 a 1.109
Telefones (011) 285-6233 - 285-4104 - 289-1803 - 289-0841
CEP 01310 - SÃO PAULO - SP

A INFORMAÇÃO GERANDO UMA EXPLOÇÃO DOCUMENTAL



Maria de Rocio F. Teixeira*

O conceito de informação é indissoluvelmente ligado ao próprio conceito da trajetória do homem no mundo. Até mesmo as moléculas são, em princípio, sistemas de codificar, armazenar e transmitir informações. Entretanto, o conceito de informação ganhou clareza a partir da II Guerra Mundial, quando se criaram raízes mais profundas e conseqüências mais amplas da idéia "informação".

O enfoque, no momento, restringir-se-á aos sistemas de informação e à informação na tomada de decisão e no planejamento.

No mundo de hoje, a informação precisa ser dinâmica, objetiva, clara e concisa a fim de facilitar àqueles que dela precisam e àqueles que a trabalham, ou seja, aqueles que a manipulam para gerar fontes de informação mais simples, poder armazená-la e recuperá-la com rapidez e eficiência.

A importância da informação prende-se ao fato de que promover o conhecimento da realidade social, permitindo a formulação de linhas alternativas de ação, melhores condições de atuação sobre essa mesma realidade e previsão de situações futuras.

Também a informação é fator de dinamização e aprimoramento do planejamento, permitindo acompanhar, controlar e avaliar a execução de planos, programas e projetos, além de eliminar as distorções e reorientar todo o esforço empresarial.

A informação atualizada e fidedigna é instrumento na agilização do processo decisório e na diminuição da margem de erro e da incerteza dos resultados esperados.

A informação causa, desta forma, uma explosão documental que, por sua vez, faz surgir uma nova visão do serviço bibliotecário. Calcula-se que uma grande empresa produz apenas dois por cento do conhecimento necessário para o desenvolvimento de seus novos produtos. É claro que estes 2% são essenciais se o produto final for competitivo. Entretanto, será de vital importância para a própria empresa a rapidez com que efetivamente obtinha os restantes 98%, encontrados em fontes externas.

Uma empresa produz apenas 2% do conhecimento necessário ao desenvolvimento de um novo produto.

Temos, então, que a documentação é vista como ciência e técnica para manipular as informações contidas nos mais diversos tipos de suportes documentais.

Desenvolvem-se novos conceitos. A biblioteca deixa de ser um mero estoque de informações. Agiliza-se, cresce e passa a ser uma força dinâmica dentro da organização. Ao crescer, dá lugar ao Centro de Informações — definido como local onde devem convergir todos os documentos/informações a fim de captar, absorver, catalogar, classificar, recuperar, divulgar e transferir as informações de interesse da organização e daqueles que nela atuam.

Não se deve esquecer que, para um técnico de qualquer organização, adquirir e ter acesso à informação mais relevante que a de seus colegas é de mínimo benefício para a organização como um todo, a menos que essa informação seja também processada dentro das necessidades organizacionais e levada àquelas pessoas a quem a informação é mais necessária. Isto é, a informação, certa para a pessoa certa.

Concomitantemente, desenvolve-se nas

diferentes áreas do conhecimento o interesse pelo intercâmbio, a troca de experiências e vivências. Evidenciam-se os trabalhos cooperativos e a formação de grupos de trabalho.

A informação e a documentação carecem de novas experiências. Surgem grupos de profissionais nos diferentes ramos.

Numa área prioritária da economia nacional — a celulose e o papel — nasce o GT-20 — Grupo de Trabalho Documentação em Celulose e Papel, da ANFPC.

O GT-20, criado em 1984, é formado por profissionais bibliotecários da área de informação de empresas e institutos do campo de celulose, papel e afins.

Com objetivos que vão do desenvolvimento da eficiência e da utilização real de acervos até o apoio à ciência e à tecnologia, o GT-20 congrega as empresas Aracruz, Cenibra, Riocell, Johnson & Johnson, Kamyr, Jaakko Pöyry Engenharia, Natron Consultoria e Projetos e as instituições ABCP, ANFPC, Ipef e Centro Técnico em Celulose e Papel do IPT.

O GT-20 vem desenvolvendo trabalhos cooperativos como a edição da **Bibliografia Seletiva em Celulose e Papel**; o convênio com CNPq, através do IBICT, para a edição de um catálogo coletivo nacional — Setor Celulose e Papel; a implementação de um Banco de Normas Técnicas; a formação de um Banco de Dados automatizado; e a realização de um estudo preliminar de um trabalho sobre **Perfil de Usuários da Indústria de Celulose e Papel**, a ser apresentado no próximo evento da área.

Salienta-se o estreito relacionamento estabelecido entre os integrantes do GT-20, a partir do intercâmbio e das tarefas cooperativas, resultando em visíveis benefícios para as empresas e instituições que dele participam. Espera-se, desta forma, que as empresas que possuem qualquer tipo de Centro de Informações e atuam na área de celulose e papel, contatem o GT-20, através da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose.

*Maria de Rocio F. Teixeira é chefe da Central de Informação e Documentação da Riocell e coordenadora do GT-20 da ANFPC.

NOSSO PAPEL.



Defender
Preservar
Cultivar
Produzir

IRANI
CELULOSE IRANI S.A.

CONFIANÇA, O FUTURO COMEÇA POR AÍ.



Mais do que nunca, o futuro de sua empresa passa pela confiança que você tem em seus equipamentos. E pela assessoria que você tiver nesse sentido. A experiência da GE na manutenção de equipamentos industriais se baseia em toda uma série de serviços prestados em atividades técnicas de alta especialização. Modernização e eletrificação de equipamentos pesados. Montagens eletromecânicas industriais e para concessionárias de energia. Instalações especiais para os setores aeroportuário, ferroviário, portuário e muitos outros serviços. São mais de 2.000 técnicos e engenheiros da GE colocando à sua disposição a mais avançada tecnologia, 24 horas por dia. Não aguarde o futuro, faça com que ele chegue logo até você. Aumente a rentabilidade dos seus equipamentos e instalações, confiando-os à GE do Brasil.

GENERAL  ELECTRIC

FUTURO FEITO DIA A DIA.